ILUSTRAÇÃO

N.º 328 — 14.º ano

OS FUZILAMENTOS DE 2 DE MAIO DE 1808

(Quadro de Goya)

16-AGOSTO-1939

PREÇO-5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **Dr. MÁRIO DAMAS MÓRA**

Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras

Esc. 10$00; *pelo correio à cobrança*, **Esc. 11$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**

os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRANDE EXITO LITERÁRIO

Acaba de aparecer nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE **AQUILINO RIBEIRO**

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo? Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado . . . . . **Esc. 12$00**

Pelo correio à cobrança . . . **13$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS **70 CENTAVOS**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15 × 23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-AGOSTO-1939
N.º 328 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AQUI É PORTUGAL!

DECORRE, duma maneira que se pode considerar triunfal, a viagem do Senhor Presidente da República às nossas possessões ultramarinas e à União Sul Africana.

Após um mês sôbre o início da viagem, completada a visita às colónias portuguesas, cabe agora acentuar o significado dessa série de apoteoses que coroaram a patriótica iniciativa do Chefe do Estado ao percorrer, em manifesta missão de soberania, êsses territórios que Além-Mar são a continuação da Mãe-Pátria.

Cabo Verde, São Tomé, Moçambique, emigrantes e indígenas, brancos e de côr, portugueses e estrangeiros, velhos e moços, têm rodeado de carinho, de entusiasmo e de dedicação o Sr. General Carmona.

Porquê?

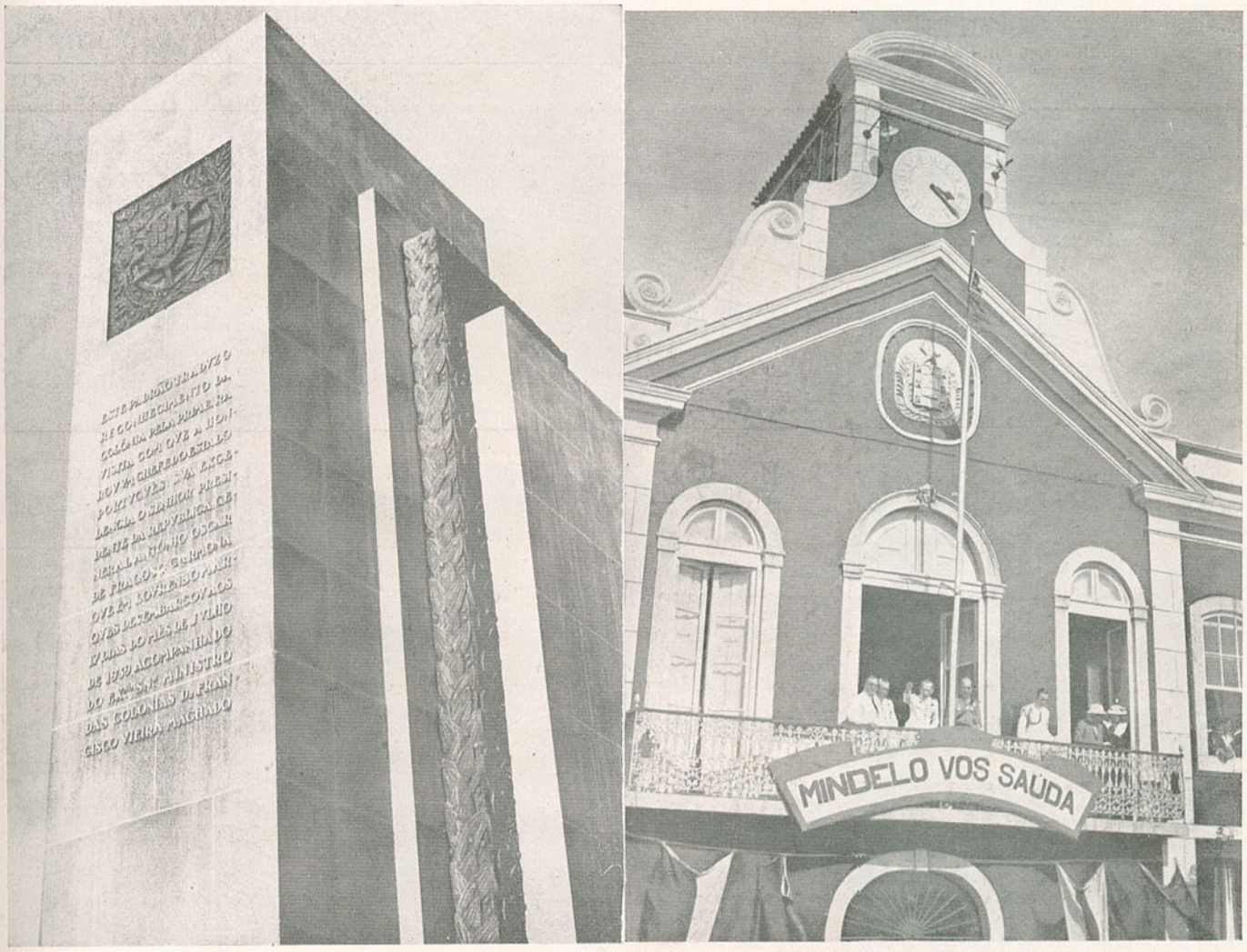
Em primeiro lugar a figura veneranda do Presidente suscita desde logo a viva simpatia de todos os que o vêem.

Mas só isto? Não.

É que a ida às possessões portuguesas do ultramar do primeiro Magistrado da Nação, nestes conturbados tempos que o velho continente europeu atravessa, tem o largo alcance de mostrar, *urbi et orbi*, que a raça portuguesa não está extinta, que os nossos direitos às terras africanas são inalienáveis, pois foram cimentados com o nobre sangue dos velhos guerreiros do século XVI, que os territórios de Portugal estão fora de qualquer combinação política de quem quere que seja, porque a Nação «não vende, não troca, não cede» uma polegada sequer, do território que está sob a sua suzerania.

E o entusiasmo em que se irmanaram todos os que vivem nesses lindos territórios do Além-Mar, a alegria com que saudaram o ilustre representante da Terra-Mãe, a certeza com que ficaram de que Portugal continental não olvidará jamais as suas províncias, longe dêle em distância mas não em pensamento — dar-lhe-ão coragem para continuar constantemente no labor quotidiano, para levantarem sempre bem alto o nome da Pátria, e para, orgulhosamente, gritarem a todo o que se acolha à sombra protectora da bandeira verde-rubra, para lhe vincarem bem num grito unísono e entusiasta que também *Aqui é Portugal*.

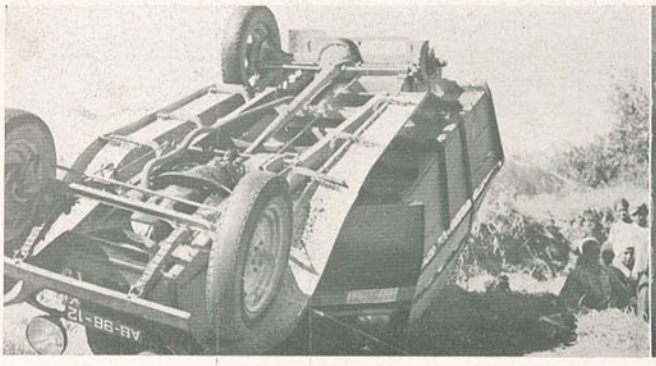
E quando o Chefe do Estado, de regresso ao Continente, vir esfumarem-se ao longe as costas de África, ainda há-de ouvir nos sons dispersos que a brisa lhe traga, num dôce murmúrio que será a última despedida: *Aqui é Portugal*.



Á esquerda: Lápide comemorativa da visita presidencial a Lourenço Marques. Á direita: O Sr. Presidente da República agradece, duma varanda da Câmara Municipal de S. Vicente, as delirantes aclamações de que foi alvo

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Na sessão solene comemorativa do 8.º centenário da Batalha de Ourique, que se realizou na Sociedade de Geografia, foram homenageados três dos sobreviventes da batalha do Chaimite, que se vêm em cima. A' direita, o sr. general Vieira da Rocha entrega um prémio pecuniário a um dos heróis.



Um aparatoso desastre de viação na estrada de Setúbal a Aguas de Moura. — *A' direita:* O sr. Ministro da França, Amée Leroy, com os excursionistas da Missão Universitária Católica Francesa que visitaram o nosso País.

Um aspecto dos exercícios militares e gimnásticos que a Polícia de Segurança Pública realisou no campo do Jockey Club.

ECOS DA QUINZENA

O ilustre escritor belga Maurício Maeterlinck, com sua esposa, fotografado no Estoril, onde se encontra. — *A' direita:* O sr. Cardial Patriarca com a comissão que o convidou a presidir no Congresso Eucarístico de Alcobaça.

O sr. Ministro da França recebe na Legação a equipa do seu país concorrente á 8.ª Volta a Portugal em Bicicleta. — *A' direita*: O grupo do F. C. do Porto, vencedor do Campeonato Nacional de Hand-ball.

Um aspecto da assistência á magistral lição que o ilustre escritor dr. Júlio Dantas proferiu no Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa.

FALANGISTAS ESPANHOLAS

A bordo do "Ciudad de Alicante", vieram de visita a Lisboa 150 falangistas espanholas algumas das quais se vêm, ao fundo, lendo, interessadas, os jornais portugueses e no momento da partida do navio que as conduziu. *Em cima, à esquerda:* um lindo friso de espanholas. *Ao centro:* um aspecto da visita ao Sr. Dr. Carneiro Pacheco, que foi saüdado pela chefe da expedição, D. Maria Antónia Villalonga, num entusiástico discurso.

O DRAMA QUE NINGUÉM VIU

— Aninhas, não quero que dance! Ouviu? Não quero que dance senão com o doutor Paulo...

A cabeça morena agitou-se, num desespêro, as mãozinhas que ageitavam os franzidos do vestido imobilizaram-se e débil voz protestou:

— Oh! Minha mãe...

— Já disse! Agora veja o que faz!

Aninhas ficou parada, uma névoa de intensa amargura nos olhos tristes, sombrios.

E a voz da mãe, autoritária:

— Ouviu?

Respondeu-lhe uma frase dolorida.

— Sim, mamã!

O olhar exigente de D. Mariana passou em revista a «toilette» da filha. Um puxão ali, alisar aqui, uma sacudidela aos caracóis, tudo feito com o gesto despreendido de quem alinda uma boneca que é preciso enfeitar.

E Aninhas parecia de facto uma boneca.

Pequenina, muito linda, mostrava uma resignação calma no rosto juvenil e deixava-se arranjar passivamente.

Quási se lhe havia embotado a sensibilidade pelo excesso de autoritarismo que a mãe exercia sôbre ela, a ponto de se lhe abafar todo o indício de vontade própria. E se uma resistência havia, era lá muito no fundo do coração puríssimo, uma resistência que nem subia à flor dos lábios e se baloiçava secretamente por detraz do peitinho magro.

E já na escada, vestido arregaçado, imponente, na altura demasiada, parecendo maior ainda ao lado da figura apagada do marido, ainda repetia para Aninhas, áspera:

— Só dança com o doutor Paulo!

A pequena estremeceu.

O doutor Paulo!

Como se podia ela resignar a dançar com o doutor Paulo, se êle não sabia dançar, se êle era o homem mais horrendo do mundo?

Gordo, gordo, gordo — uma barriga que lembrava as pipas de vinho do avô — uma cara papuda e flácida que recordava caraças de carnaval, quási sem olhos, quási sem expressão e que passava a vida a dizer-lhe ao ouvido:

— É tão «girinha».

A pobre pequena caminhava num terror, numa aflição, entrou na sala transida de susto, com uma aspiração cruel, um desejo ruím.

— Se houvesse um automóvel que passasse por cima dêle....

E logo se dominou, horrorizada do pensamento que lhe faziam ter.

Ao passar junto do vestiário pareceu-lhe que alguém a chamava.

— Aninhas!

Voltou-se. Encarou-o. Velou o sorriso nos olhos, reteve nos lábios a exclamação... e seguiu ávante. Nos olhos do rapaz que a chamara pairou uma surprêsa dolorosa.

— Aninhas?! Aninhas não lhe falava! Que se passaria?

Daí a momentos, ao som da música estridente, êle avançou para a rapariga em frente da qual o doutor Paulo passeava a sua grotesca figura, sem dar fé de que Aninhas tinha os olhos fechados, muito fechados...

Acercou-se dela.

— Aninhas — murmurou — dança?

A pequena estremeceu.

Porque não? Se Eduardo ali estava é porque lhe queria e então ela podia ser feliz ainda, feliz como as outras, feliz como essas que, sorridentes, amavam e eram amadas.

Numa revolta imensa, dominadora, ia esquecer-se mas... sentiu que lhe puxavam as fitas do vestido.

E todo o seu sêr, num estremecimento brusco, numa convulsão que era como um prelúdio de morte, recaíu naquela passividade angustiosa, onde a sua vontade se perdia tornando-a num pobre ente sem fôrças, sem alento. A revolta calmou, o cérebro deixou de pensar, o coração de sentir, e o olhar, parado, vago, alheio, deixou de ver e os lábios, muito frios, muito brancos, deixaram de palpitar.

Perante todos os olhares ela permaneceu fria, passiva, indiferente como até então e ninguém podia adivinhar quanto de grande, de tremendo, de irreparável se dera nela e, como os outros, também de nada se apercebeu o mancebo que a fitava.

Houve no seu rosto uma alteração, uma crispação e afastou-se devagar, sem mais olhar a donzelinha branca.

Soou a voz aspera da mãe.

— Aninhas, vá dançar com o doutor Paulo...

A pequena levantou-se.

A silhueta, rubicunda, grotesca, do doutor Paulo aproximou-se da dela, um sorrizinho melífluo nos lábios carnudos.

Os braços simiescos enlaçaram o corpito meio desfalecido e arrastaram-no ao compasso da música estridente, que os pobres ouvidos nem ouviam...

O doutor Paulo cingia-a mais e Aninhas abandonava-se, e essa passividade tomava aspecto de felicidade para os outros.

Lábios que sorriam assim — sem sorrir — olhos que fitavam assim — sem vêr — corpo que se movia assim — sem sentir — era com certeza expressão de alma ditosa!

Oh! O mundo!

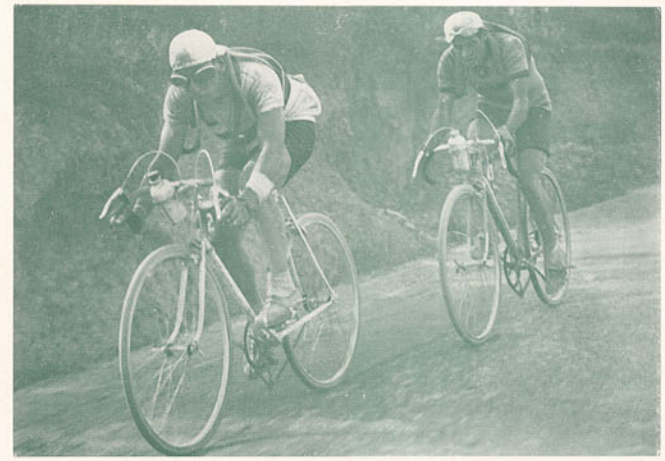
E ninguém, ninguém deu fé daquêle drama imenso, profundo, tormentoso.

— Um coração que morria para o sentimento, uma alma que fugia...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE

VIII VOLTA A PORTUGAL

Cabrita Mealha e Aguiar da Cunha a caminho da etapa onde o primeiro alcançou a cobiçada camisola amarela, conservando-a desde Sant'lago de Cacem até Amarante onde lhe foi arrebatada pelo corredor do Benfica, Aguiar Martins. *Ao centro e à esquerda:* O francês Dassé vencedor da primeira etapa veste a camisola amarela. *A' direita:* Rogério Pontet a contas com uma avaria. *Em baixo:* O sr. dr. Augusto de Castro, ilustre director do nosso colega *Diário de Notícias,* dá o sinal da partida para o começo da maior prova ciclista que se realiza no nosso país e tanto entusiasmo desperta no meio desportivo



Em cima, à direita: O francês Rogério Pontet e o espanhol Bernardo de Castro perseguem o pelotão. *Ao centro, à esquerda:* Os ciclistas marcham em pelotão compacto a caminho de Odemira. *A' direita:* Ladislau Parreira lastimando a sua má sorte a alguns populares. *Em baixo:* Uma curva na estrada pouco depois de Odemira. A prova que começou com 43 concorrentes, que representavam alguns clubes do país e duas equipas estrangeiras, uma espanhola e outra francesa, continua com apenas 25.

A MULHER FRANCESA

Madame Lebrun

Não há talvez no mundo, mulher que tenha sido mais caluniada e mais deturpada a sua maneira de ser, do que a mulher francesa.

Os seus mais profundos inimigos têm sido os romancistas franceses, que na ância de ganhar dinheiro, ou talvez muitas vezes, para satisfazer um odiozinho pessoal que lhes venha dum desengano, não hesitam em colocar a mulher do seu país na mais baixa esfera da sociedade.

São ajudados nisso pelos estrangeiros que viajam e que em geral conhecem mulheres, que não são a expressão da virtude, dessas pobres mulheres que pululam nos meios cosmopolitas, e que evidentemente, são venais, infieis e sem carácter.

Mas não devemos julgar a mulher dum país apenas pelo que nos dizem os escritores, que não sabemos qual seja o seu humor quando escrevem, nem tão pouco pelo juizo, que podem fazer os viajantes que não estão relacionados no meio francês, não só na sociedade onde há muita senhora frívola, como aliás na sociedade elegante de todos os países, mas longe de serem o que os romancistas nos dizem, mas sobretudo na burguezia e no meio que trabalha.

Eu não venho dizer-lhes que a mulher francesa é um poço de virtudes, que não tem defeitos e que é absoluta a sua perfeição.

Não; a mulher francesa tem os defeitos que correspondem ás suas qualidades, mas essas qualidades são muito grandes e é bem justo que se tornem conhecidas, e, é preciso que aqueles que as conhecem pela sua convivência no verdadeiro meio francês, desfaçam a lenda da mulher venal, infiel, sem escrúpulos que pronta a atraiçoar, engana com palavras doces.

A mulher francesa tem em geral um bom senso extraordinário, uma grande dedicação aos seus, e é duma economia notável, trabalha infatigavelmente, e, tem o perfeito sentido do patriotismo.

Uma elegância natural sabe tirar partido do mais simples vestido, para se tornar notada, dum senso prático perfeito, prefere ter um vestido bom, a ter seis vulgares, dum grande arranjo sabe economizar e tratar as coisas da sua «toilette» parecendo tudo novo e estreado da ocasião.

Claro que estas qualidades quando atingem o excesso tornam-se defeitos. O seu bom senso dá-lhe ás vezes um aspecto de secura e indiferença, a dedicação aos seus, toma o aspecto de feroz egoismo, dando a impressão que só o seu bem estar e o daqueles que lhe pertencem têm para ela interêsse, a sua economia toma algumas vezes a forma da avareza fazendo-a discutir um soldo com o calor de quem defende uma fortuna, a sua actividade torna-se enervante e o seu sentido patriotico, dá-lhe esse ar de dúvida para o valor dos outros países, que faz com que os estrangeiros a não compreendam, mas esses defeitos que nem todas as francesas têm, não chegam a abscurecer as suas qualidades, que são riais e dignas de todo o respeito. Eu confesso que quanto mais vou a França e mais convivo no meio francês em que estou relacionada, mais consideração tenho pela mulher francesa, e, pelas suas superiores qualidades dignas de todo o respeito, e sobretudo pelas suas faculdades de trabalho. A mulher francesa chega a fazer milagres no que diz respeito a aproveitamento de tempo.

Em geral a mulher da pequena burguezia trabalha e trabalha fora de casa o que a não impede de não ter creada, o que em França é um luxo; uma mulher vem algumas horas fazer o trabalho grosseiro, e, a francesa consegue ter a sua casa graciosa e arranjadinha e ainda fazer esses jantarinhos de boneca, que para os nossos apetites de peninsulares serão talvez pequenos, mas que satisfazem o apetite das que assim foram creadas.

Uma das qualidades da mulher francesa é ser uma boa educadora. A criança francesa é educada desde que tem entendimento, a respeitar os mais velhos, a ter atenções com as pessoas de respeito, e saber estar quieta, quando não deve fazer barulho, e ser um prazer na família e não um aborrecimento, como acontece, quando as mãis não têm a mais pequena noção do que é educar uma criança, e, como acontece nos países, onde a mulher não tem o hábito de trabalhar e de se sacrificar um pouco, pelo bem geral.

A família francesa não é muito numerosa, mas há famílias numerosas. Conheci agora um casal de artistas jovens, que têm cinco filhos. Os pais trabalham com ardor, deixam-nas bem entregues e essas crianças tão pequeninas, a mais velha tem seis anos, são tão graciosas e bem educadas, que eu gostaria de as mostrar a algumas mãis, que nada têm que fazer, se não ocupar-se da casa e dos filhos e que não têm tempo ou não sabem educá-los, como era seu dever fazê-lo, porque a verdade é que o valor dum povo vem-lhe das qualidades das suas mulheres, pois que é a mulher como mãi quem educa e quem dá o exemplo.

A serenidade de ânimo de que a francesa tem dado provas nos momentos de perigo, tem tido um aspecto sublime e a correcção de atitude política, no momento actual dos franceses, vem-lhe do valor sereno das suas mulheres.

Emquanto nalguns países se fazem manifestações patrióticas, que se traduzem por gritos agressivos para outros países, em França há uma serenidade de que foi a melhor prova a festa do 14 de Julho êste ano em Paris.

Foi uma manifestação perfeita de patriotismo ardente e comedido, uma demonstração de fôrça tranqüila e serena, que inspirava a mais completa confiança num povo, que assim se conduz sem que nas suas ardentes manifestações, haja um grito discordante ou agressivo, que pudesse manifestar a intenção de contundir.

É consolador ver que há patriotismo civilizado no país, que possui mulheres, que sabem trabalhar e sabem também educar os seus filhos, no sentido do que é a correcção individual e colectiva do homem.

Madame Lebrun a esposa do presidente da República Francesa é bem a representante da mulher do seu país, e está admiravelmente colocada no primeiro lugar do seu país.

Auxiliar discreta e inteligente de seu marido, ela sabe conquistar as simpatias de todos, pela gentileza do seu trato, pela afabilidade das suas maneiras, e quando tem de acompanhar seu marido em representação do seu país, a países estrangeiros, como ainda há pouco a Inglaterra, a distinção da sua apresentação permite-lhe desempenhar o seu cargo com a diplomacia subtil, que ele exige. E se o presidente Lebrun é bem o representante da França, madame Lebrun, representa com brilho a mulher francesa, no que ela tem de melhor as suas sólidas qualidades morais.

É pois para desejar que sejam postos de parte falsos juizos e apaixonados conceitos, que vêm lançar uma sombra sôbre a mulher da França e reconhecer nela grandes e profundas qualidades, que são uma fôrça para o país que possui mulheres com tão grandes qualidades de carácter.

A mulher é sempre uma fôrça num país, dela depende a educação dos filhos, que é uma base da sociedade, dela vem a fôrça moral que os primeiros sentimentos que se cultivam na alma dão, dela vem a fôrça da família, que faz e engrandece a fôrça da comunidade, que é o agregado de famílias e que constitue um povo.

Do seu esforço pessoal, da sua dedicação, da sua orientação, depende tôda a vida social, é preciso pois que aproveitando as qualidades femininas cheguemos à conclusão, que a mulher não é um manequim de modas, nem uma boneca para divertir a criança grande, que alguns homens são

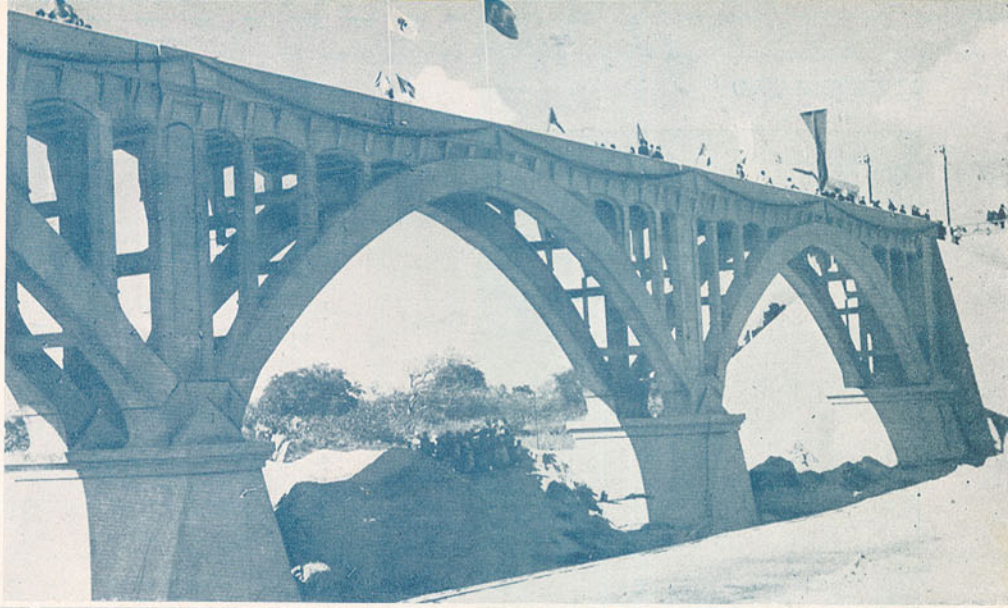
A mulher tem um papel importantíssimo e de grandes responsabilidades a representar, e, é mantendo, o sentimento do dever, dando-lhe o hábito do trabalho, a compreensão do seu valor, que se consegue, que a mulher dum país imponha a sua personalidade como a francesa o faz; a quem conhece a sua vida.

Há-de haver qualidades que não agradem à nossa sensibilidade e maneira de ser de peninsulares e meridionais, mas temos de reconhecer o valor dessas qualidades e a influência que elas têm no engrandecimento dum país.

E inclinemo-nos com respeito perante as qualidades da francesa e os grandes efeitos, que dela se refletem num povo, que é um grande povo, que sabe fugir ás más influências, que por vezes o querem afogar e diminuir, levantando-se engrandecido das provações que o afligem.

MARIA DE EÇA.

A VIAGEM PRESIDENCIAL



Ao centro, o governador de Moçambique, sr. dr. Nunes de Oliveira, lê o Boletim Oficial que manda dar o nome de "Carmona" à ponte de que mostramos à direita um interessante aspecto e que foi agora inaugurada em Magude, sôbre o rio Incomati. *Ao fundo:* O sr. general Carmona recebe as aclamações da população ao chegar à Beira

Madame du Barry

NÉVOAS DO PASSADO

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

Económica no valor de quatrocentas a quinhentas mil libras.

«Não sei o que resta ainda a meu favor porque não liquidei contas com êle.

«D. — Quando esteve em Londres não teve intenção de emprestar a juros duzentas mil libras?

«R. — Quando estive em Londres emprestei, de facto, sôbre uma hipoteca, duzentas mil libras ao senhor de Rohan-Chabot.

«D. — Observo-lhe que êsse empréstimo foi, realmente, efectuado, mas ao antigo bispo de Rouen.

«R. — Não sei como Vandenyver me designou êsse homem que eu não conhecia; de resto, a escritura relativa a essa hipoteca deve ter sido encontrada em minha casa entre os meus papeis.

«D. — Como é possível que durante a sua estada em Londres tivesse levantado duzentas mil libras e que houvesse empregado, para efectuar êsse suposto empréstimo, pessoas absolutamente diferentes daquelas que, desde há muito, tratavam dos seus negócios?

R. — Servi-me do Sr. d'Escourt, antigo oficial, porque foi êle que me escreveu de Londres, propondo-me êsse emprêgo de capital.

«D. — Porque razão manteve correspondência com os inimigos da Revolução?

«R. — Não mantive correspondência alguma com essas pessoas.

«D. — Observo-lhe que temos em nosso poder provas da sua correspondência com os emigrados, que são inimigos do povo francês, e com outros conspiradores.

«R. — Recebi algumas cartas, mas não escrevi a nenhum emigrado.

«D. — Não se encarregou de fazer chegar às mãos de pessoas do seu conhecimento várias cartas?

«R. — O Sr. d'Angevilliers pediu-me, quando da minha segunda ida a Londres, que entregasse uma carta a M.me de Calonne.

«D. — Observo-lhe que o processo que afirma ter motivado as suas diferentes viagens a Inglaterra assemelha-se-me a um pretexto; tudo me leva a crer que foi lá encarregada de missões junto dos inimigos da Republica.

«R. — Não me encarreguei de missão alguma dessa natureza.

«D. — Intimo-a a confessar a verdade: se as suas viagens a Londres tinham por fim qualquer missão secreta junto dos nossos inimigos ou junto da côrte de Londres, e, sobretudo, se não compreendeu que, quando da sua última ida, a sua estada em Londres tinha todo o aspecto duma emigração.

«Enfim, se não manteve correspondência com os inimigos da liberdade e se não os socorreu com empréstimos de dinheiro ou de outro qualquer género.

«R. — Não.

«D. — Faço-lhe notar que essa sua resposta não está de acôrdo com o seu intento de receber essas quantias por representação. Pelo contrário, dá a impressão de que se trata duma dádiva ou dum empréstimo.

«R. — Empreguei êsse expediente para me ver reembolsada com mais facilidade, pois tinha afirmado à minha devedora que devia à senhora de Crussol e ao bispo Chauvigny as quantias que êles deviam receber.

«D. — Exigiu recibos das ditas quantias?

«R. — Tenho um da senhora de Crussol.

«D. — Quem foi que lhe forneceu dinheiro para as suas diferentes idas a Londres?

R. — O meu banqueiro, o Sr. Vandenyver.

D. — Que quantia é que lhe entregou?

«R. — Uma carta de crédito de seis mil libras esterlinas por ocasião da minha primeira viagem. Para a segunda uma letra de cinqüenta mil libras esterlinas, que Vandenyver tinha como garantia, equivalentes aos adiantamentos que fazia devido ao facto de ser depositário das acções da Caixa Económica, que eu tinha adquirido com o produto da conversão dos meus títulos, conversão essa à qual já me referi nas minhas respostas anteriores.

«D. — Observo-lhe que declarou ter empregado êsse milhão no pagamento das suas dívidas; por conseguinte, nenhuma parte dessa soma podia ter ficado em seu poder.

«R. — É que nem todo o dinheiro foi utilisado na liquidação das minhas dívidas. Tenho algum depositado em poder de Vandenyver e acções da Caixa

A suspeita (Quadro de Edmond Lapeyre)

«D. — Tem defensor?

«R. — Escolhi os cidadãos Delainville e Lafleuterie.

«Tendo-lhe sido feita a leitura do presente interrogatório ela afirmou que as suas declarações eram verdadeiras, que as confirmava e assinou connosco, com o promotor e o escrivão.

«Dumas, Jeanne Vaubernier du Barry, A-G. Fouquier, Goujon.»

E enquanto M.me du Barry era reconduzida ao seu cárcere, a êsse sinistro cárcere da Conciergerie, onde Maria Antonieta vivera os seus últimos dias, e se atirava, aniquilada pelo desespêro, para cima dêsse miserável leito, onde tantas vezes chorara a rainha, Greive e Zamora — os dois infames denunciantes — ajudavam o promotor Fouquier Tinville a redigir o auto de acusação.

Fouquier Tinville, o famoso *pourvoyer du bourreau,* cuja sinistra face bexigosa e olhares de revés infundiam o mais vivo terror e a mais profunda repulsa, esquecendo, ou por outra, fazendo-se esquecido dos tempos em que consumira, no meio dos maiores desregramentos, a mocidade e a fortuna, revestiu-se duma capa de hipocrisia para, arvorado em Catão, falar das imoralidades da antiga favorita de Luís XV.

Era fácil, servindo-se da mentira e alterando a verdade, fazer-lhe a mais cerrada das acusações, de modo a apresentá-la como uma outra Pompadour.

Era a mais infame das calúnias.

Joana du Barry, nascida num século tão corrupto como brilhante, passara, realmente, dos braços de outros, de muitos outros mesmo, para os de Luís XV.

Mas nunca, ao contrário da Pompadour, acumulou o seu lugar de favorita com o de superintendente dos prazeres secretos do rei.

Joana du Barry, levada por uma antipatia pessoal, por uma espécie de capricho de criança mimada, aconselhara, é certo, o monarca a demitir o ministro Choiseul.

Mas nunca, ao contrário da Pompadour, se lembrou de o tomar para amante, nem a êle, nem a ninguém.

Joana du Barry aceitara, como era natural, as dádivas de Luís XV, que, de resto, devemos acrescentar, jámais usou para com ela de maior generosidade do que usaria qualquer opulento financeiro de Paris. Além disso, o rei, independentemente dos bens da coroa, possuia rendimentos que lhe permitiam satisfazer tôdas as fantasias, mesmo as mais custosas, da sua bem-amada.

Mas nunca, ao contrário da Pompadour, ela saqueou a França, e cobriu de honras e riquezas os seus parentes.

E, como muito bem disse Mirabeau, nunca, ao contrário também de Pompadour, a du Barry levou o rei a aprisionar ou condenar pessoa alguma. Ela própria, muitas vezes, arrancou da Bastilha para onde Luís XV os enviara aqueles que, quer em canções, quer em libelos, a tinham ridicularisado e insultado. Quando mesmo alguém, na sua presença, se levantava para falar ao rei em nome da Justiça, ela erguia-se imediatamente para falar em nome da Misericórdia e, repetidas vezes mesmo, se ajoelhou aos pés de Luís XV, a-fim-de implorar o perdão de diversos condenados à morte. Foi assim que, entre várias outras, ela poude salvar a vida duma pobre rapariga do Vexcin, dum soldado de cavalaria e do conde e da condessa de Louësme.

Ao afirmar que nunca fizera mal a pessoa alguma, Joana du Barry dizia a pura verdade. Ninguém, de resto o sabia melhor do que Fauquier Trinville, Greive e Zamora. Por essa mesma razão, por conhecerem a completa inocência do seu passado como favorita, é que êles haviam decidido alterar completamente os factos, de modo a poder apresentá-la como uma segunda Pompadour.

Não era preciso darem-se a êsse trabalho para obterem que o Tribunal Revolucionário a condenasse à morte.

Embora os três infames cúmplices apenas pudessem apresentar como testemunhas dessas acções os criados, que ela já, anteriormente, despedira por a terem roubado, existiam, a par de outras fantásticas, absolutamente inverosimeis, no seu processo acusações, que não eram desprovidas de fundamento.

Era verdade ela, impelida pelo seu coração diamantino, que a levava a abrir os braços e a chorar os infortúnios de todos (mesmo daqueles que noutro tempo a haviam esmagado com o seu desdem) ter recolhido em Louveciennes guardas suissos feridos pelo povo, quando da tomada das Tulherias; ter escondido no seu palácio sacerdotes e realistas perseguidos; ter, não obstante todos os agravos que recebera de Luís XVI e de Maria Antonieta, posto luto em Londres pelas suas mortes e ter, ainda, consagrado uma grande parte da sua fortuna a aliviar a miséria dos emigrados.

Nada mais era preciso para fazer a desgraçada mulher encarcerada na Conciergerie — a antecâmara da morte, como lhe chamavam — subir os degraus do cadafalso.

Depois de, sempre com o auxilio dos dois miseráveis, haver acabado de redigir o extenso auto de acusação da du Barry, Fouquier Tinville, o sinistro *pourvoyer du burreau,* esfregou as mãos, radiante de satisfação.

Mais uma cabeça para a guilhotina ceifar!

E não era a cabeça de qualquer aristocrata arruinada, de qualquer pobre *cü-devant,* mas a duma riquissima titular, cujos bens confiscados, após a execução, reverteriam, como os de todos os condenados à morte, a favor da Nação.

Zamora e Greive esfregaram também as mãos, radiantes de perverso contentamento.

A condessa du Barry estava irreme-

A prisão da Conciergerie

Fouquier Tinville

Madame du Barry (Quadro de Madame Vigée Lebrun)

diavelmente perdida. Não havia possibilidade alguma de ela poder sair da Conciergerie e vir pedir-lhes contas dos valores — autenticas preciosidades, que êles tinham feito desaparecer do castelo de Louveciennes.

Ao denuncia-la como suspeita perante o Tribunal Revolucionário, isto é, ao arrastá-la ao cadafalso, pois os juizes dêsse tribunal instituido pela lei de 10 de Março de 1795 desconheciam a palavra absolvição, o fito de Zamora e de Greive havia sido assenhorear-se do castelo de Louveciennes, de modo a poderem-no saquear à vontade.

Já com êsse designio tinham pedido, e obtido, da Comissão de Segurança Pública, que esta os nomeasse para guardar e velar pelos bens da detida.

E jamais (podiam estar certos) a Comissão de Segurança Pública descobriria os seus desvios pois, ao contrário dêles, ninguem ali era conhecedor da lista exata dos valores — verdadeiros tesouros — em ouro, pratas, diamantes, pérolas, pedras preciosas e objectos de arte, que a antiga favorita de Luiz XV guardava em Louveciennes.

Por êsse tempo encerrada no seu húmido e soturno cárcere, Joana du Barry, que através dum emissário enviado (graças à complacencia da mulher do carcereiro) a Louveciennes sabia de todos os desvios de Zamora e de Greive, via, de hora a hora, desaparecerem as últimas esperanças de salvação. .

A 16 de Frimario, a condessa du Barry, ou por outra, a cidadã Dubarry comparecia de novo, desta vez juntamente com os banqueiros holandezes Vandenyver, perante o Tribunal Revolucionário.

O Tribunal compunha-se do vice presidente Dumas, exercendo as funções de presidente, dos juizes Francisco José Deusot, Carlos Brand e do escrivão Roberto Wolff. Nos lugares dos jurados achavam-se os cidadãos Trinchart Belion, Mercier Alispis, Meyer Topino Lebrun, Lohet, Sambat, Villatte e Payant.

«O vice presidente Dumas — A acusada que diga o seu nome, profissão, local do nascimento e morada.

«R. — Chamo-me Joana Vaubernier; tenho quarenta e dois anos de idade, vivo dos meus rendimentos e resido habitualmente em Louveciennes.

«D. — É casada com o antigo conde du Barry?

«R. — Estamos separados judicialmente.

«D. — Segundo acusado, diga o seu nome.

«R. — Chamo-me João Baptista Vandenyver. Tenho setenta anos de idade; nasci em Amsterdam, na Holanda; sou banqueiro e resido em Paris, na rua Vivienne N.º 24.

«O terceiro acusado declarou chamar-se Edme Vandenyver, ter trinta e dois anos; e o quarto, António Vandenyver, contar vinte e nove anos de idade e viver em Paris em casa de seu pai.

«O vice presidente acrescentou: Acusados prestai atenção; vai proceder-se à leitura da vossa acusação.

E o escrivão procedeu à leitura.

«Depois de o promotor ter examinado minuciosamente todos os documentos pertencentes ao *dossier* da acusada, é bem fácil reconhecer-se que todos os

Assinatura do vice-presidente do Tribunal Revolucionário

profundos e mortais flagelos, que haviam sido infligidos a França, colocando-a a dois passos da ruina, tinham sido praticados muitos anos antes da gloriosa e célebre revolução, que deve fazer esquecer tôdas as passadas recordações dolorosas, visto que ela nos libertou, e para sempre, dêsses monstros, perversos e fanáticos, que, desde há tantos séculos nos mantinham carregados de grilhões. Quem quiser fazer uma ideia exata da imoralidade da acusada du Barry basta lançar um golpe de vista para os últimos anos, durante os quais, o tirano francês Luiz, décimo quinto de nome, escandalisou o Universo, entregando a superintendencia dos seus infames prazeres a esta famosa cortezã. Em 1769 êsse Sardanapalo moderno, achando-se cansado, enfastiado mesmo, de todos os prazeres, mesmo dos mais excessivos, que o Parc-aux-cerfs (serralho infame, onde se consumou a deshonra duma infinidade de famílias) lhe proporcionava, entregou se cegamente aos conselhos dos vís cortezãos que o rodeavam, afim de vêr se descobria a maneira de fazer renascer o seu antigo entusiasmo amoroso. Um dêsses infames cortezãos, havendo travado conhecimento com o antigo conde du Barry, que era o mais ignobil dos libertinos e se achava nessa altura crivado de dívidas, têve ocasião de vêr, em sua casa, a criatura com quem ele vivia amancebado. Essa mulher, chamada Vaubernier, passara para os seus braços depois de haver, pode dizer-se, tirado um curso na prostituição. O antigo conde du Barry, que estava habituado a recorrer a todos os expedientes para satisfazer os seus crèdores, propôz a êsse cortezão ceder-lhe a Vaubernier, se êle conseguisse fazê-la admitir entre as sultanas do criminoso coroado. Essa indigna criatura foi realmente apresentada ao rei e, graças às suas extraordinárias qualidades, conseguiu, dentro de pouco tempo, tomar o maior ascendente sôbre o espírito fraco do déspota. Em breve, rios de ouro correram aos seus pés. Foram lhe oferecidas as mais valiosas pedrarias. Convocaram-se as maiores celebridades da arte, para executarem as suas exorbitantes encomendas. Todos os antigos aristocratas correram a aderir ao seu partido. Era ela, era esta nova Aspasia, que decidia o destino, isto é, a grandeza ou o aniquilamento, dos antigos príncipes, generais e ministros. E todos vinham queimar incenso aos seus pés! O fausto mais extraordinário, as depravações e os excessos de todo o género foram alardeados por ela. Era às mãos cheias que ela tirava o ouro dos cofres do Estado, para enriquecer a sua família e pagar as dívidas do antigo conde du Barry. O idiota do seu amante não se envergonhou, mesmo, de escandalizar o povo, visitando, acompanhado por ela, diferentes localidades do reino.

«Para não fazer a acusada còrar de vergonha, o promotor de justiça não levantará a ponta do veu que cobre e deve cobrir para sempre, os vícios e os infames desregramentos que existiram nessa côrte, até que em 1774 aquele a quem os escravos haviam dado o epíteto do «Bem-amado» deixou o Mundo, levando nas veias o veneno da libertinagem, e deixando uma memória amaldiçoada por todos os franceses. A du Barry foi mandada para Relhel-Mazarine e daí para Meaux para o antigo convento de Pont-aux-Dames. Nesse salutar retiro ela deveria ter reflectido profundamente sôbre o nada das grandezas e, ao mesmo tempo, reconhecido a ruina que os seus desregramentos haviam trazido ao seu próprio país.»

Mas, havendo sido posta em liberdade pelo último tirano de França, que não só lhe manteve tôdas as doações feitas, com o ouro extorquido ao povo, pelo seu antecessor, como também a encheu de dádivas, entre as quais o castelo de Loureciennes. Uma vez livre, ela instalou-se no castelo e reuniu a sua volta uma nova côrte.

Os vis cortezãos, que, durante o período do seu favor, tinham, com a sua ajuda e protecção, arrazado as finanças do Estado, acorreram em chusma a visitá-la.

(Continua)

EUNICE PAULA.

OS CORDELINHOS DO DESTINO

HÁ coisas que passam por nós, que nos impressionam um momento, dias, meses ou anos mesmo, mas que sempre se chegam a esquecer.

Há outros aspectos da nossa vida que se vincam tão fortemente na nossa lembrança, que é impossivel que nos deixem de apoquentar o espírito com quadros que por deante de nossos olhos desfilaram.

Quando então a data certa dêsse desgraçado acontecimento — a desventura é que melhor se recorta na nossa memória — quando essa data se apresenta, cada ano se perfila no nosso cérebro e nós sentimos até o mesmo pavor, a mesma sensação agónica que nêsse dia, que já tão longe vai, amargurou a nossa alma.

E, então, a gente começa a puxar o fio das recordações, e tôdas as imagens saem inteirinhas do cofre em que as guardamos — o nosso cérebro, onde, não sabemos por que milagre, se armazenam tantas ideias, tantas tristezas, tantas lembranças antagónicas que ali se ageitam tão bem sem que umas às outras se prejudiquem ou contrariem.

A mesma luz as ilumina, a mesma fôrça evocativa as põe em face da nossa alma, alegrando-a ou entristecendo-a, segundo a quadra que recorda.

—•—

No dia de hoje, nesta hora em que escrevo por imposição duma data fatídica — 2 de Agosto — eu vejo pelas ruas de Liège os soldados belgas, acarinhados pela população que lhes oferecia cerveja e cigarros, como se todos êles fôssem seus filhos, seus irmãos ou seus noivos; os soldados que nêsse preparar de armas mal sabiam ainda como a sua terrinha havia de sair da luta sangrenta, mutilada e pobre, mas gloriosa por uma victoria que não seria só devida à sua valentia e à sua coragem, mas também ao seu aprumo de caracter, à sua lealdade, à sua honra, tudo envolto num sublime espírito de sacrifício.

Só quem, como eu, esteve ao lado dos belgas nesses quatro anos de angústia, quem com êles partilhou pesares, abnegações e privações de tôda a espécie, é que sabe como é grande e como é digno do respeito e da admiração sincera de tôda a gente êsse torrãozinho abençoado, que era um paraiso de paz e de confôrto e que se ofereceu em holocausto aos seus princípios de honestidade e de nobreza, sem que houvesse um só dos seus filhos que não secundasse de boa vontade, arriscando vida e bens, o gesto — o belo gesto — dêsse rei que a história guardará, de corpo inteiro, nas suas páginas de maior fulgôr — Alberto I.

—•—

Sinto ainda nas minhas mãos a impressão das mãozitas frágeis dos meus dois filhinhos, quando com êles fugia às bombas e aos estilhaços dos obuzes que estalavam em minha volta.

Eu não sei explicar como tive coragem para arrastar-me até um abrigo, puxando pelos pequenos que choravam e se agarravam muito a mim; mas compreendo, agora, porque a leôa ruge e se enfurece, quando querem roubar lhe os filhos.

Essa coragem, de que nunca me julguei capaz, era o amor de mãe que ma dava, era para salvá-los da morte que eu me fazia valente, era por êles que eu andava, quando o meu regalo seria deitar-me no chão e ficar para alí entregue às contingencias do acaso.

E, afinal, para quê tantos sobressaltos, tanta energia gasta?

Fugia com êles da guerra e a guerra mos levou.

Não foi com a metralha, não foi com a sua fôrça, mas levou-mos, deu-os à morte, traiçoeiramente, insidiosamente, com os males que espalha, quando passa, e cuja nomenclatura a minha mão não ousa escrever.

Já passaram duas dezenas de anos por sôbre tais horrôres, mas eu tudo vejo e sinto como se fôsse hoje ainda.

Afinal que sômos nós, com tôdas as nossas vaidades, os nossos orgulhos, a nossa glória de existir?

Uns miseráveis títeres nas mãos do destino, que nos mexe com os seus cordelinhos invisíveis e ténues.

Sofri, sacrifiquei-me, chorei, depois de ter cantado, julgando-me favorita da fortuna, e vi-me de repente sòzinha, mãi sem filhos, e tôda a minha batalha inglòriamente esquecida.

—•—

O destino, que a uns dá desilusões e desventuras, dá a outros glória e fortuna, tudo para seu divertimento.

Ora enterra uns nos pêgos da desdita, ora eleva outros a alturas que nunca imaginaram, quando não nos balança a todos no espaço, presos da angústia da incerteza da subida ou da queda.

Nessa guerra, que assombrou o mundo, três homens combatiam em fileiras diversas, três homens que hoje se encontram de novo embrenhados na solução de mais graves problemas, de que pode resultar um maior mal ainda ou a decidida tranqüilidade europeia.

Hitler, Mussolini e Daladier, que nêsses quatro anos terríveis se atascaram na lama das trincheiras, são hoje os chefes máximos de três grandes nações, três potências incontestadas.

Quem lhes diria que os cordeis do destino os haviam de erguer tão alto?

Quem lhes diria que nas suas mãos estariam tantas vidas, que o sossêgo de tantos lares dependeria duma palavra sua menos ponderada, dum menos reflectido gesto seu?

Quando se é grande assim, quando se tem a consciencia da própria fôrça, é qualquer coisa de maravilhoso sêr-se generoso e bom, não fazer sentir aos outros essa superioridade.

E sem querer vem-me à memória aquele dito do Duque de Wellington:

— «As guerras a que tenho assistido fizeram-me compreender a necessidade da paz».

O mundo não se modificou. Fez-se peor, mais cruel e desumano.

Se o grande ministro da rainha Vitória vivesse agora, o seu horror pela guerra seria maior, por todos os melhoramentos que se fizeram na arte de matar melhor e mais depressa. É verdade que no espírito inglês subsiste a mesma humanidade, a mesma relutância em tirar vidas por questiunculas de senhoras visinhas.

MERCEDES BLASCO.

A Divina Pastora — escultura italiana? — Pertence à sr.ª D. Madalena S. M. Pinto Basto

MACHADO DE CASTRO

e os presépios portugueses

ABUNDANTES e educativos são os escritos sôbre Machado de Castro, sôbre a sua obra e sôbre a sua personalidade. A crítica se não está completa e perfeita, está pelo menos, bem documentada e briosamente desenvolvida. Raros artistas portugueses têm sido tão louvados e estudados, num sentido especulativo deveras nacional, criando-se em redor dêste ilustrado nome uma espécie de auréola indiscutível, ainda que nela apareçam clarões de lenda e, quando calha, exagerados raios de ingratidão para aqueles que com ele colaboraram.

O homem está definido com imparcial honradez e a sua vida, ora de sacrificado ora de respeitado, foi das não menos tormentosas, mas honesta e exemplar. Se teve prémios e medalhas, também teve desgostos e desassossêgos. Mas guardou a sua hónra, como ele disse, através das tempestades do infortúnio. Os seus escritos em prosa — porque os seus versos não são para aqui chamados —, lições de escultura, lições de moral e autobiográficos, completam a análise e os comentários da crítica, se é que por si só não acharam totalmente o seu carácter, de queixumes, orgulhos e audácias.

A sua personalidade artística, porém, não foi até hoje examinada com a precisa e já agora arriscada justiça, que um artista do seu mérito e da sua importância, criador de fino fôlego, professor e agitador, merece. Foi sábio, conscienciosо e extraordinário, sobretudo quando compôs, modelou e defendeu a Estátua do Terreiro do Paço. É exactamente em redor dêste monumento, por um fatal contraste com o restante da sua obra, não esquecendo a de barrista e presépista, que tem de ser feito o estudo da sua personalidade artística, imparcialmente.

A obra de Machado de Castro divide-se em três poderosos blocos: — a Memória de D. José, as estátuas religiosas e simbólicas que espalhou pelas igrejas e palácios, e os presépios e estatuêtas pequeninas, em barro. A sua função de professor, mestre de oficina e colaborador de outras, quer em Mafra quer em Lisboa, relaciona-se com aquela obra tão íntimamente, que teremos de a julgar em paralelo, até resultados de conjunto. É indubitavel que Machado de Castro se destacou entre os companheiros de Mafra para ter sido escolhido entre eles, chamado por quem procurava artista capaz de vir executar a Estátua Equestre que Eugénio dos Santos delineara, após um pseudo-concurso de aptidões.

O seu engenho manifestara-se suficientemente para que o seu nome andasse nas bôcas dos admiradores e até dos invejosos. Como antes de ali arribar já trazia, além de temperamento excepcional, claras luzes da sua arte e conhecimentos técnicos no decifrar das dificuldades, rapidamente foi escolhido para ajudante-mor do Mestre italiano, com quem aprendeu alguns segredos de composição, de quem colheu alguns geitos de estilo e com quem apurou os saberes de modelador, em que já era mestre, embora também dele colhesse manhas próprias do ofício, manhas que não escondeu e ao contrário defendeu na «Descripção Analítica». A obra de Mafra, impessoal como a de tantos outros que produziram para a comunidade, pode apenas ser adivinhada nos pormenores, mas não julgada por ser duma época de atentas sujeições a riscos alheios. No entanto foi lá que colheu o gôsto das composições majestosas e os arranjos neo-clássicos para sublimes pompas, assim como a tendência para a simbologia liturgica ou histórica, quando aprendeu, depois dos Jesuitas lhe haverem ensinado latim, a poética e a retórica com o Padre Mestre Cândido Luzitano, penetrando então na escolástica, que estava em voga.

Os trabalhos executados antes da sua chamada a Lisboa são pois de instável segurança e relativa originalidade. Fazer fé por eles é errar o julgamento decisivo.

É pela Estátua de D. José que devemos aquilatar os seus arrojos, cujo triunfo dos séculos ele sondou, na defeza e apologia dos cuidados e comparações que os seus escritos testemunham.

Propositadamente não cito datas nem sigo ordens, para livremente, sem peias de qualquer origem, sobretudo de erudição ou de prosápias vulgares, em que se discutem evoluções, desalentos, influências ou quaisquer correntes perigosas para o desnorteamento da crítica pela sabedoria, poder julgar com um sentido quási restritamente plástico, como convém á razão que sirvo.

A obra de Machado de Castro é a obra dum ambiente e duma época. A sua personalidade lá dentro é um reflexo dos mais definidos, pela capacidade individual de inspiração e pela profissional cultura com que se esforçou, ultrapassando-se gloriosamente uma vez, mas envencilhando-se de quando em quando, como um neurasténico de acção, desigual nas realisações. O seu génio foi vitima das exigências dos meios e da perseguição das irregulares ansiedades com que, em vez de doçuras no trabalho, arquitectava tormentos na ambição. Assim, foi enormíssimo no Terreiro do Paço e humanissimo nas figuritas miudas dos presépios que engenhou.

A sua obra, como de resto toda a dos camaradas e discípulos que teve, foi obra de núcleos, conjugados em harmónicos desejos, consoante convénios e fraternas cooperações. Devia estar assinada da *oficina* Machado de Castro, e só em raras peças o seu nome pessoal devia figurar, ainda que toda ela fôsse de sua individual invenção, como se constata com os preciosos barros expostos agora. Entre ela, a figura da rainha D. Maria I, actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, é outra incontestável prova daquela desigualdade de valores, a que acima me refiro.

Nos barros, porém, a sua personalidade é muito mais defnida, pois muito embora houvesse ajudantes na engenharia dos presépios, são bem distintas as peças da sua lavra e originalidade, onde atesta quási sempre grande grau de superioridade.

Quatro estatuetas de Machado de Castro

Machado de Castro foi o estatuário de génio que tivemos no século XVIII, com altos e baixos fatais ás condições e ambientes em que criou, devendo, contudo, ser notabilisado pela Estátua Equestre e pelos pequenos barros, modêlos de excepção e de glória num país de barristas excelentes. É de justiça, no entanto, salvaguardarmos uma ou outra imagem da basílica da Estrela — que é a sua maior galeria — e não considerarmos com exagêros de desdem as estátuas da Ajuda, que são de mérito relativo.

Creio ser de urgente e útil precisão, para esclarecimento duma parte da História da Escultura Portuguesa, a reunião em album das fotografias de toda a sua obra, na qual, repito quanto disse, se destacará em formidável contraste, a Estátua do Terreiro do Paço e algumas figuritas dos seus presépios.

*

Do presépio que pertenceu aos Marquêses de Borba, em Santa Marta, desfeito há anos e levado, em parte, para o Bonjardim, conhecem-se apenas algumas peças, ricas e preciosa sembora, na posse de D. Maria Domingas de Sousa Coutinho. Foi um dos mais belos e de melhor estilo que se modelaram em Portugal. Pelas figuras e agrupamentos existentes, sabe-se da sua excelente qualidade. A arte do século XVIII, em França, não foi mais elegante. Na sua perfeição escultórica, alguns dêstes barros podem mesmo equiparar-se-lhe. Teve mesmo na composição do seu quadro geral como que reminiscencias versaïlhescas, traduzidas aliás, também nos palácios de Queluz, do Estoy e de Benfica. O presépio dos Borbas, no seu aspecto total, devia ser algo afrancesado, como uma ou outra figura, aproximadas com supremacia das dos Marqueses de Belas e dum pastor loiro, ajoelhado, do grande do Desagravo, lembram tipos italianisados, ainda que tristes e poeticos, comprovando o portuguesismo de quem modelou tais imagens.

Outras quatro estatuetas de Machado de Castro

Virgem com o Menino Jesus, presépio dos marqueses de Borba, por Faustino José Rodrigues — Pertence à sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho

Dizem-no delineado por Machado de Castro — a tradição assim o assegura — pois com a sua obra grandes são as afinidades técnicas dos seus discípulos que o modelaram. Teve no entanto um grande artista a dirigi-lo e naturalmente outros ajudantes a executar os grupos das suas especialidades. Os grupos pastoris compostos com verdura, junto de fontes e arvoredos, lembram no seu espírito, em que a païsagem predomina, influências de tapeçarias. Noutras figuras, de exagerados pormenores de gôsto populesco, anedóticos conforme a nossa índole — é ver o cego tocador de sanfona — parecem extraídos de gravuras, como o mesmo cego do presépio do Sacramento parece arrancado aos azulejos dos velhos jardins. Há ainda uns terceiros agrupamentos, de nobre classicismo, bem compostos e serenos, denunciando outras mãos e outra educação a esculpi-los. O tocador de gaita de foles, a que mais duma vez já me referi, tem uma beleza muito mais agitada e até amaneirada, do que a Virgem com o Menino no regaço, dôce como uma verdadeira mãe a quem o espalhafato magôa.

Sabe-se que foi Faustino José Rodrigues, pai do escultor Francisco Assis, regente duma cadeira na Academia de Belas-Artes de Lisboa, quem modelou as principais peças dêste presépio, com a pericia notável que no seu tempo se lhe atribuia. Isto me leva a crer que o músico da gaita de foles, obra deliciosa entre todas, é de inspiração colhida na idêntica do presépio de Belas, mas por si modelada com muito maior talento.

Manuel Teixeira, frade santareno e discípulo de António Ferreira, também trabalhou neste presépio, segundo a tradição. Visto o seu «génio de português», no dizer dos historiadores de então, é lógico serem seus os grupos de pastores em adoração. Os restantes barros existemtes, como quadrinhos campestres de Watteau, são números á parte de graça e inspiração pictórica, que só neste presépio conhecemos. Machado de Castro seria incapaz de os inventar.

DIOGO DE MACEDO

ECOS DA VIAGEM PRESIDENCIAL

O Senhor Presidente da República desembarca no Mindelo

Quatro régulas que tomaram parte nas manifestações ao Chefe do Estado, em Lourenço Marques

O salão do Liceu de São Vicente de Cabo Verde foi oferecido um chá ao Snr. General Carmona, que se vê com as suas convidados

À esquerda e à direita: Alguns dos guerreiros negros do Mogul, em número elevadíssimo, aclamaram vivamente o Snr. Presidente da República, que assistiram com um batuque e danças.
Em cima: Um aspecto de uma das muitas manifestações ao Chefe do Estado

No próximo número daremos alguns aspectos da Beira e da continuação da viagem de Sua Ex.ª o Presidente da Republica

A «Mocidade Portuguesa» de São Vicente de Cabo Verde saúda o Snr. General Carmona

Ao longo do cais, no momento da partida, milhares de pessoas esperam, em São Vicente de Cabo Verde, a passagem do Chefe do Estado

«Uma angrazinha cortada na falésia como uma estrofe ardente do Oceano...»

Onde é esta praia? Quem é esta mulher?

UMA CARTA DE MARIA

Meu querido primo

Ao receberes esta minha carta, sei que vais ficar muito surpreendido, porque decerto não esqueceste ainda que o ano passado, quando foi aquilo da prima Fonseca, eu jurei que nunca mais te escreveria.

Mas não era senão uma jura de zelosa; e as juras de amor quem é que há de cumpri-las?

Passar uma só semana sem notícias tuas, é como se me faltasse o ar... E já há tanto tempo que te não vejo!

Tu podes supôr se me sinto ou não perto da asfixia... Tu és o meu oxigénio, crê!

A's vezes, hilariante de mais — excitante, mexediço, tumultuário... Embora! Há meses desabafei com uma amiga minha, que te não conhece, e ela recomendou-me que misturasse ao oxigénio, azote, — o que traria mais equilíbrio aos meus nervos, mais ritmo ao meu peito, mais sossêgo ao meu coração.

Azote! Mas quem, meu Deus?! O Joaquim? Mas, quando está ao pé de mim, crepita sempre... O Augusto ou o Alberto sempre inflamados? Não pode ser, não pode ser. Tenho, no Pôrto, o Manuel; mas a sua suavidade é uma enganadora sirte.

E por aqui e por ali, em Portugal e no estrangeiro, existe aquêle que. «mesmo que eu não fôsse tão rica», quereria casar comigo... Sim, sim; mas apenas me lá apanhasse, desconfio bem que, com essa mania de conservador autoritário que o domina agora, me havia de querer reduzir só ao seu azote... T'arrenego!

A minha amiga, em desespêro de causa, recomenda-me então o marido...

Não sei como nem porquê; mas suponho que é por ser sócio da Academia e por sofrer o pêso da estouvada definição dum grande homem, que serviu outrora. Pois eu posso certificar que êle não é tão azote como lhe parece, á minha boa amiga: é singular a sua ilusão — histórica!

É bem provável que tu não alcances tudo o que tenho no pensamento... Mas, afinal, o que pretendo dizer é só isto: — que tu, e só tu, me não sais do sentido, que não posso viver sem que me queiras (claro que eu é que hei de ditar o modo e a ocasião de bem me quereres...) e que és o único homem que tem, para mim, os encantos dos vinte anos.

A propósito: ainda não te emendaste de averiguar da idade de tôdas as mulheres e de dizer que tens meio século?

A tonta da Ester inventou que eu tinha mais cinco anos do que ela, e teve o mau gôsto de m'o comunicar! Ora sabes bem que despreso há muito estas pequenas circunstâncias cronológicas, estas impertinências de calendário, e só consulto, em raras e solenes ocasiões, o espelho, que nunca me desconsola; mas a verdade é que ela tem quási o dôbro da minha idade...

«Podes tu imaginar o que é a Floresta?»

Has de assombrar-te do que te vou dizer: a Ester é agora minha íntima, e a mais chegada.

A pobre Ester!

O seu livro ergueu-a, de súbito, até á celebridade, e da miséria mais triste á quási opulência. Já tem cinco edições em Portugal, dez no Brasil, e está traduzido nas cinco línguas mais cultas do mundo.

E eis que todos aqueles que a haviam engeitado e esquecido a rodeiam e a querem trazer ao peito! Todos agora lhe chamam — não avinharás o quê... — marqueza! E, para se provar que o é autenticamente, publicaram-se genealogias...

Era bôa a ocasião, porque, com a celebração dos Centenários, todos os *snobs* deram em *snobs* de fidalguia, e se crêm aparentados com os Gamas, os Cabrais, os Albuquerques, os Zarcos, os Perestrelos, os Castros, os Almeidas, os Pessanhas, os Côrtes-Reais, os Almadas, os Baenas, os Fuas-Roupinhos!

Foi para fugir a esta abominação que um dia, em Abril, partimos de Lisboa: contra o Chiado, levantámos — Portugal!

Percorremo-lo todo de norte a sul, montanhas, vales, planícies, quási sem entrarmos nas cidades — em rigoroso incógnito, sózinhas.

Depois demorámo-nos, encantadas, ao longo do litoral; porque á Ester, que na realidade descende de navegadores, o múrmurio do Atlântico lhe trás mensagens familiares do remoto passado, e porque a mim, quando o ouço, logo me transporta, em sonho, muito longe

Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,
A demandar as ilhas d'oiro fulgurantes...

De quem descenderei eu também, primo querido, de quem descenderá a minha alma ansiosa de princesa exilada?

E aqui estamos, sózinhas, numa pequena praia, há quinze dias.

Sem querer, já eu estava contando o Tempo, êsse terrivel medidor da Vida. Quinze dias? Não; lê — eternidade.

Pois ha uma eternidade que aqui estamos, e gozando tôda a suavidade, tôda a paz, tôda a inefável doçura das coisas eternas. Desejando, portanto, que isto não acabe nunca — jámais.

Mas estes advérbios, estas simples palavras, fazem-me tão mal!: dão-me um arrepio de abismal saüdade...

Decididamente, mudemos de assunto.

Não poderás fantasiar o que é esta praia, donde te escrevo. E só lhe chamo praia, porque é á borda do mar: uma angrazinha cortada na falésia como uma estrofe ardente do Oceano lançada á terra amorosa, que aqui encosta os rijos, túmidos, marmóreos seios ás férvidas ondas...

Eu não pretendo descrever o indescritível. Mas quem chegar desprevenido, logo ficará prêso do enfeitiçamento telúrico: os próprios rochedos soltam magnéticos eflúvios; o ar entra-nos no peito como um filtro de amor; e o Céu e o Mar compõem, nas mil côres da Ilusão, o tecido efémero e inconsútil que veste todas as formas de esplendores astrais.

Houve aqui um Castelo, um Palácio? Sem dúvida habitado só por fadas e gnomos... Há velhas ruínas; e em pedras veneráveis distingue-se a impressão das flébeis mãos que a elas se ampararam, fugindo, no desastre final da deliciosa mansão: o sôpro gélido do cristianismo varreu para sempre o deslumbrante cenário da festa pagã desses sêres quási divinos.

Ah! mas não conseguiu senão desconjuntar o edifício e impiedosamente ferir as fadas e gnomos; — aqui se vê o seu rútilo sangue nestas rosas, em que perpétuamente circulará como seiva olímpica: — nêste sítio misterioso habitam ainda aqueles que o consagraram...

Nem a Ester nem eu pudemos dormir a noite passada: sofriamos, nesta plenitude dos sentidos, duma inquietação de alma que nos parecia sortilégio do luar silente sôbre o infinito das águas; e, ao romper de alva, saímos, afastámos os olhos do Mar, e corremos para a Floresta como doidas, doidas da ebriedade do ar salino da madrugada — que é um *Champagne* desvairante, depois da insónia orgíaca do luar.

Podes tu imaginar o que é a Floresta?

Já das arribas se derramam franças de arvorêdo, que estonteiam ao mais leve sopro de brisa: que melodias ouve aqui o Oceano!

Mas o terreno desce para um valezinho apertado e coleante nas faldas da montanha sobranceira; e, então, é uma torrente de ramarias, em que o nosso corpo, mergulhado em frescura, se afunda com a sensação de entrar num rio verde, toda repassada a alma de verde esperança...

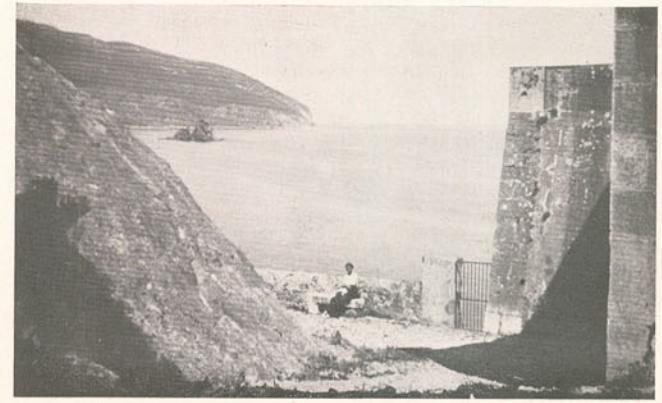
Já no Oriente o incêndio reverbera; já nas mais altas frondes rola o disco de oiro da Aurora; mas a verde abóbada só côa a ténue claridade difusa, a luz de magia que entretece os sonhos.

E adejam frémitos de quimera!...

No dilúculo suavíssimo a minha boca, ansiosa, procura o beijo ardente, desconhecido, que funde as almas na levitação crepuscular da Vida e da Morte.

Sente-se um gorgeio de ave; procurando-a, os meus olhos dão com um raio de sol que conseguiu penetrar na espessura: o silêncio e a sombra são vencidos!

A pequena flecha de oiro treme e cintila: colho-a na minha mão vacilante, e



«Do terraço alcança-se, simultâneamente, a montanha e o mar...»

dos meus dedos escorre o fulgor da luz diáfana.

Ascende o dia: ha já tons de turqueza; abrem-se recessos opalinos, surtos verde-pérola...

Uma abelha zumbe, em vôo incerto. Seguimo-la pela estreita clareira do sub-bosque, procurando o sol radiante.

Já se transfigura ao seu esplendor a montanha: olhando-a, o Céu parece tão perto!

Lá ao cimo bastará erguer as mãos, orando, para lhe tocar...

* * *

A Ester vê-me escrever, e não tem coragem de perguntar-me para quem estou escrevendo... Se ela soubesse! Paro um momento, a contempla-la. A tua sonâmbula despertou!

Ela deu sempre á vida maior atenção que te parece; mas viveu de superfície, e não procurou em si a profundidade, que dá a emoção trágica que torna tão sombrio o destino humano.

Atravessou os seus anos de miséria sem sofrer metade do que sofrem os ricos, quando possuem a opulência, no receio de empobrecer. Ela mal se importou de tudo perder. Todos os contratempos, todas as decepções, todos os transes de angústia os encarou sempre como se fossem coisas alheias em que ela representasse: tem uma alma de actriz.

Creio que algumas vezes chorou; mas nunca bem convencida de que fôsse pelas próprias dôres; julgar-se-ia figurando num drama. E, se alguma vez aludo ao seu passado, tão próximo, emmudece: não é que queira escondê-lo por pudor, por vergonha; é que, sinceramente, não se lembra!

Para ela, tão observadora, tão analítica, guardando na retina as mais longínquas impressões — todos os seus sofrimentos, os mais tormentosos, são como ligeiras nuvens, que se evolaram ao mais rápido, ao mais furtivo golpe de sol. Se naufragou nalgumas tempestades, alcançou sempre, por Deus, uma plaga salvadora, onde, meia hora depois de rolar na areia branda ou no duro cascalho, reviveu optimistamente, e logo achou forças para começar nova jornada.

Naturalmente, normalmente, ela só sente alegria e ternura. Que natureza privilegiada! Tem a vocação da felicidade, e nenhuma cruel provação pode vencer nela a Esperança. Não a crê nunca inacessivel...

Mas, como escritora, dir-me-ão: dis-

«... por vinte quilómetros de arribas e portinhos»

«Êste ambiente de extâsis dá-nos a imagem harmoniosa da serenidade...»

tinguem-se no seu trama psicológico reservas de inconsciente, impregnadas das realidades que a laceraram: os seus motivos literários, tão cheios do seu amor pelos humildes e pelos fracos, e em que tão alto se levantam as vagas da desgraça, que conduzem á loucura, á morte, ao vilipêndio, são transuntos semi-lúcidos das excruciantes horas que viveu, das aflições que a tranziram, das lentas agonias que cavaram nos seus lindos olhos fontes de lágrimas.

Eu própria reconheço que a sua complacência para todas as faltas, para o próprio crime, e esta piedade tão profunda, que abrange as creaturas e as coisas — de sentimento, de pensamento e de instinto — são, na verdade, inexgotáveis como um manancial perene...

Mas, se a vissem aqui a meu lado, tão serena, tão meiga e tão risonha, como admitiriam que sôbre esta mulher houvesse passado alguma vez a aza negra da Desventura?

Ela pode escapar, oficialmente, ao marquezado; mas não poude livrar-se das fitas de S. Tiago.

Prefere, porém, para enfeitar-se, a flor rubra da papoila que lhe adorna os cabelos: colheu-a esta manhã num restolho de trigal, por maravilha; será talvez a última da estação... E como lhe fica bem!

*

* *

Do terraço, donde te estou escrevendo, alcança-se, simultaneamente, a montanha e o mar — as árvores imóveis, que sonham no deslumbramento, e as velas brancas, que estremecem num alôr de azas, tentando o espaço intérmino.

As velhas árvores portuguesas, o carvalho, o olmeiro, o zambujeiro, a alfarrobeira, o pinheiro bravo e o pinheiro manso constituem o fundo florestal, a que se juntaram muitas espécies trazidas de afastados continentes e de remotos arquipélagos pelos nossos navegadores. Mas o que é assombroso nestas matas, dispersas através da Serra, é a variedade das plantas arbustivas, atingindo um desenvolvimento nunca visto em outro ponto da Europa: a murta, o aderno, a aroeira, as urzes, a estêva, o buxo, o zimbro, o folhado, o medronheiro... Onde iria eu com esta lição botânica?

Como se para mim todas estas designações acrescentassem alguma coisa a um só nome — a Floresta! Um só sêr, uma só alma...

O que nos prende é êste fantástico horizonte de penhascais, de águas e de verdura, absorto no vasto silêncio religioso, que tudo envolve.

E a inexplicável feeria desta atmosfera, tão leve, tão pura e transparente como a dos céus helénicos!

Êste ambiente de extâsis dá-nos a imagem harmoniosa da serenidade. Nada de violento rompe o equilíbrio milenário destas linhas e a expressão de graça adolescente, em que a sensualidade se repassa de candura.

Raramente o beijo do sol é velado pela lenta melancolia das brumas...

Os hálitos da terra e do mar confundem-se como num concerto de almas; no ar translúcido andam núpcias de flores e de espumas.

A côr que nimba a Montanha transmuda-se como a do Atlântico: azul, roxo, lilás, flavo, opalescente...

A impressão viva desta visão perene de beleza é a duma indefinível vida das coisas, quási etérea, ascendendo a uma pairante espiritualidade numa palpitação de infinito.

Desce-se uma escadaria estreita, cujos degraus tu e eu só poderíamos descer, a par, num contínuo abraço. E entra-se numa gruta encantada, onde a vaga ressôa como num búzio, em que ha marulhos oceânicos e gemidos de sereia!

O perfume das algas traz-nos uma exaltação de sentidos que atordôa: desfalece-se...

Além, a dôce curva das areias da praia acaricia; gritos de nereidas cortam o silêncio, arfantes; torrentes de luz deslisam em irisações de esmeralda na superfície líquida, que debaixo do terraço, a maior profundidade, se tinge já de safira, onde boiam, dormentes, cinzas violáceas de ametista.

Estou vendo tudo pelos teus olhos!

Possessa da alucinação auditiva e da vertigem cromática, a nossa alma ergue-se numa assunção ardente de epitalâmio...

Vem, querido, vem!

*

* *

Perguntas como te aquartelaremos? E olha que a palavra tem precisão e rigor: é, de facto, num estabelecimento militar — num posto da guarda fiscal — que nos encontramos.

Porque não pudemos ficar, mesmo em verão tão cálido como êste, *à la belle étoile,* como as boas fadas e os gnomos do bosque...

Os nossos dois hospedeiros, marido e mulher, ficaram muito surpreendidos de lhe termos vindo pedir pousada, e fizeram milagres para a não recusar.

O homem anda quási sempre por fora, vigiando vinte quilómetros de arribas e portinhos; a Joana anda sempre tão absorvida no seu trabalho que nos deixa à vontade, sem perturbar a nossa insaciedade de solidão, e é tal a sua devoção por mim que mal me defendo de julgar que sou eu quem a hospedo.

Contigo, esta impressão espero que tenha alguma coisa de verdadeiro.

Dormirás na alpendrada, numa cama rescendente de fêno, misturado de mentrasto e rosmaninho, com uma manta de contrabandista para te resguardar da aragem da madrugada...

Quere dizer: de dia viverás a nossa vida, e de noite velarão os teus sonhos as estrelas! Que mais ha-de desejar um Poeta?

Quando falei à Joana da tua vinda, imaginas o que ela me propôs?: como o nosso quarto é grande, podíamos pôr um biombo de cobertas... Que santa ingenuidade!

E já me esquecia: — se te não fôr muito pesado, passa pelo Jerónimo Martins, e traz-nos um pouco de chá, açúcar e bolachas de água e sal.

A Ester adora o capilé; terá Martins garrafas dessa droga?

Ai de nós! a mim não é o capilé que me ferve nas veias...

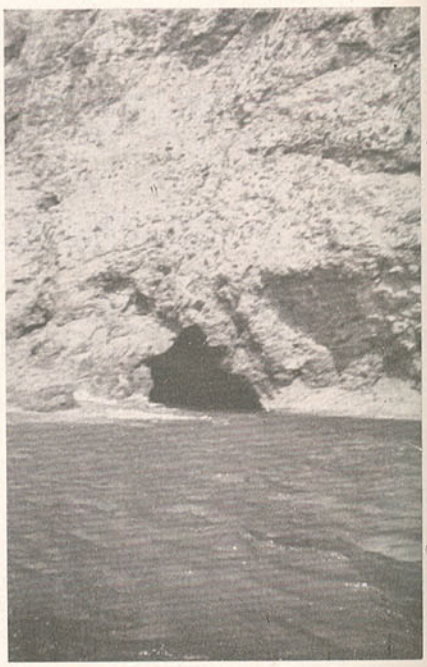
Espera-te, de braços abertos, a tua, sempre do coração,

Maria.

P. S. — Os melhores — julgo-me dos melhores! — são egoistas... Pois não me lembrava do café: o que seria de ti sem café?

Já não digo o espírito da tua pobre prima, mas mesmo o requinte literário da Ester, como conseguiriam minorar as tuas saüdades da *Brasileira?*

Mas vê se o trazes bem apartado do chá. Pois o café faz ao chá o que vocês, homens, fazem ás mulheres: impregna-o do seu sabor, domina-o com o seu travo, destroi de todo o seu delicado perfume, enfim — corrompe-o...



«Gruta encantada, onde a vaga ressôa como num búzio...»

PIERROT!

Demétrio, o jovem pintor, cujo talento mórbido e estranho se começava tornando célebre, resolvera aceitar o convite do seu amigo, o opulento banqueiro Ricardo, para o baile de máscaras que êste realizava essa noite em sua casa.

Vestiu um delicioso traje de Pierrot — Pierrot boémio e aventureiro que abandona o bandolim das romanticas serenatas, para ir celebrar a apoteose rubra da volúpia entre músicas, flôres, danças e beijos...

Dançou, bebeu e riu doidamente!... Estreitou corpos enlanguescidos de mulheres, estonteou-se com vinhos capitosos, e acabou por adormecer, deliciosamente extenuado, entre ondas aromáticas de fumo.

Repousava num pequenino gabinete encantador e discreto, onde montões de rosas morriam lentamente, saturando o ar de perfumes raros. Uma lâmpada velada espalhava uma luz suave, de tons azulados e leitosos como raios de luar coados por opalas...

Perto dêle, alguém deixara caída, abandonada, uma arripiante máscara de tragédia — boca contorcida num esgáre apavorante, olhos dilatados, a revirarem-se todos numa expressão medonha de agonia...

Decerto lhe caíra vinho em cima; porque o cartão estava embebido e o líquido, escorrendo, a destingira e lhe formara em volta uma massa avermelhada e espessa, que lhe dava o trágico aspecto duma cabeça sangrenta de cadáver.

Quando Demétrio acordou, naquele despertar inconsciente e dificil dos embriagados, não conseguiu recordar-se de onde estava.

Em seu redor só via sombras, muitas sombras vagas, indecisas... Só aquela mancha clara, onde a luz incidia firme, lhe atraía o olhar obsecantemente.

A princípio sentiu curiosidade, depois um mêdo angustioso — porque a horrivel cara mexia, fazia esgáres, contorsões diabólicas!... Olhava-o, ameaçando-o com a boca hiante de lábios gangrenados...

A sua vista incerta, lacrimejante de tanto a fitar, atraiçoava-o. Viu o espectro erguer-se — vulto confuso, enorme, onde se destacava, apavorante, a fronte tumefacta de cadáver. Quiz então defender-se; foi inútil! Nem os seus gritos, nem o bracejar violento faziam recuar o fantasma. E, torcendo-se aflitivamente, supunha o pobre rapaz estar fazendo esforços violentos para fugir-lhe, quando os seus gestos não passavam de leves contorsões de músculos, e os seus gritos dum estertor abafado de laringe, que era quanto lhe permitia o estado quási cataleptico em que a excitação e o vinho o tinham deixado.

No meio do seu angustiante pesadêlo, êle via o monstro aproximar-se, colossal, hediondo... Já lhe sentia as mãos húmidas, viscosas, a pesar-lhe na fronte... E não podia tirá-las, frias, ascorosas! É que, nos movimentos que fizera, deixára cair sôbre o rôsto uma das almofadas do divan, ainda húmida de champagne. Ao contacto daquilo a que a sua fantasia alucinada dava tão macabra origem, os seus nervos, vibrando todos, num espasmo de epilepsia, venceram enfim o torpôr que o tolhera e fizeram-no erguer, de repente, num salto brusco. Correu em volta do aposento, tateando as paredes, em busca de uma saida...

Encontrou-a, finalmente... Era uma janela apenas; mas que importava?!... Nem êle, por certo, deu por isso. E, todo absorto na ância inconsciente de fugir, transpoz a grade de um salto, e foi cair, exangue, no mármore do perístilo.

Quando, já de madrugada, os convidados começaram a sair, viram com espanto o vulto gentil do pobre Pierrot, caido de bruços, ensanguentado, morto, tendo ainda no olhar a expressão do terror alucinante que o perdêra.

Procuraram inutilmente o assassino. O assassino?!... Horas depois, um criado, ao limpar o gabinete em que êle estivera, atirava, para junto de outros detrictos, uma pasta de cartão amarrotado, informe, que ia tingir de um vermelho sujo a água do velho tanque em que caíra...

Esther Corte-Real.

A LOUCURA DO ARIANISMO

O homem na idade contemporânea

APESAR-DE tôdas as afirmações germânicas ou italianas em contrário, «*raça pura*», não existe.

Não existe raça pura ariana ou outra qualquer e se fôsse possível conservar um grupo humano puro, através do incomensurável tempo, por meio de cruzamentos eternamente dentro do próprio grupo, a hipótese não trazia nenhuma vantagem para a humanidade.

É esta a opinião dos antropologistas, que ainda vão mais longe, duvidando que jamais houvesse uma raça pura.

Desde os tempos mais remotos os homens aglomeravam-se em grupos que lutavam uns contra os outros pela cobiça dos bens alheios e o mais forte subjugava o mais fraco e integrava-o no seu grupo. Nem as guerras nem a cobiça são de hoje ou de ontem. Nos tempos primitivos o homem era como um animal da selva, guiado ùnicamente pela necessidade inadiável de prover aos ímpetos da sua natureza. É o que de mais antigo se sabe a respeito do homem. Os grupos cruzavam-se fatalmente sem descernimento.

Nos tempos modernos, isto é, há cêrca de quatros séculos, o homem branco da Europa encetou as suas migrações para a América, para a África, para a Ásia e para a Oceania, migrações que ainda hoje continuam a realizar-se e cada vez com mais intensidade.

Em absoluto há só uma raça humana, visto que todos os grupos humanos se podem cruzar e reproduzir.

No ano decorrido realizou-se em Copenhague um Congresso antropológico no qual o professor Nordeustreng, da Universidade sueca de Upsala, afirmou ser inteiramente impossível estabelecer diferenças de raças humanas, visto que tôdas pertencem a uma só família ou compõem uma família única.

Diferenças de raças dão-se entre os animais, como por exemplo uma vaca, que não pode procrear com o cavalo e assim sucessivamente, o que não acontece com o homem.

Esta tese foi defendida não só pelo seu autor, mas também por vários cientistas que faziam parte do Congresso.

Os cientistas ingleses S. Huxley e A. C. Haddon publicaram recentemente um livro que constitue autoridade no assunto — *We Europeans* — em que afirmam a impossibilidade de estabelecer uma linha rigorosa, para separar as supostas raças humanas. O homem branco destingue-se evidentemente do chinês ou do negro, por determinadas caracteristicas, mas nada o impede de se ligar entre si e de procrear, porque todos êles pertencem a uma mesma família biológica. Na Índia, na África, no Brasil e ainda noutros pontos vemos o branco integrar-se no negro ou no índio ou vice-versa.

A ciência hoje não aplica o vocábulo «raça» com referência ás diferentes modalidades do homem.

A definição germânica do «homem ariano puro» assim como a idéia italiana do «homem puro romano» são concepções sem justificação. Os professores Huxley e Haddon afirmam na sua obra já citada que o termo «raça» é tão vago e impreciso que a ciência não se pode servir dêle por não corresponder a uma realidade; a análise científica a respeito das modificações operadas sobre o homem verifica que estas não caminham no mesmo sentido das modificações caracteristicas do animal.

«No animal a ciência substituiu a palavra *raça* por *sub-espécie*. No homem os cruzamentos e migrações produziram um estado tão impreciso que não é possível aplicar-lhe termos de um valor preciso.

«O que a sociedade humana oferece ao observador é uma separação em grupos relativamente isolados, que se deslocam e se cruzam muitas vezes com relutância».

Os mesmos cientistas propõem que em vez da palavra «raça» se deveria fazer uso da expressão «grupo étnico» ou ainda para simplificar se diria simplesmente «povo».

Entendem êles que o vocábulo «raça», hoje muito espalhado, serve apenas para pretexto de uma pretensa superioridade de um grupo e perseguição de outro classificado de inferior quando na realidade nenhum dêles é puro e ambos são o resultado do amálgama dos mesmos ingredientes.

Os indivíduos que compõem a chamada «raça branca» são em si tão diferentes que mal suportam a análise da ciência.

Os estudiosos distinguem entre êsses individuos, de uma maneira geral, três tipos mas não três raças: nórdicos, que são altos, musculosos, de olhos azues, cabelo claro e crâneo alongado; o tipo mediterrânico, baixo, magro, de olhos castanhos, e crâneo alongado e o tipo alpino, de altura média, atarracado, de olhos pardos ou verdes, cabelo escuro e crâneo largo.

Esta divisão, contudo, é uma divisão simplista e sumária porque há nórdicos de crâneo largo, mediterrânicos e alpinos altos e loiros como os nórdicos.

Todos os povos brancos da Europa e da América são amalgamas destes três tipos principais, com infiltrações de outos tipos para complicar a situação. A pretensão de que um país é habitado por «arianos» e que estes constituem uma raça superior e pura é uma hipotese inteiramente contrária à opinião da maioria dos cientistas, hoje em evidência.

Na opinião do citado professor Huxley «existe uma nação germanica, uma língua germânica e um grupo de línguas germânicas e há uma cultura germânica, mas debaixo do ponto de vista de raças, os habitantes da nação germânica são um composto de nórdicos, mediterranicos e alpinos com infiltrações de ciganos, semitas e mongólicos».

Parece talvez estranha a introdução da infiltração mongólica ou amarela no povo germânico, mas a teoria não é nova.

Em 1870, por ocasião da invasão alemã na França durante a guerra franco-prussiana, o antropologista francês senhor Quatrefages, causou grande indignação na Alemanha por ter afirmado que os prussianos eram afins dos mongois e que portanto eram barbaros, intrusos entre os povos civilizados da Europa.

Em 1880, se a memória não nos falha, houve em Lisboa um congresso de antropologia a que concorreu o eminente antropologista francês Quatrefages, que foi um dos membros mais distintos do Congresso.

A teoria do eminente antropologista a respeito dos prussianos foi defendida posteriormente por outros estudiosos.

Em 1938 o professor Griffith Taylor da Universidade de Toronto, afirmou na Secção de Geografia da Associação Britânica para o Progresso da Ciência que o povo germânico primitivo deveria ter falado um idioma mongólico.

Há efectivamente elementos mongólicos em várias nações da Europa, além da Alemanha. Superioridade ariana assim como pureza ariana são duas teses que a ciência não justifica.

O professor H. J. Fleure, grande autoridade no meio britanico, é de opinião que «a afirmação de que o tipo do homem original mais ou menos perfeito fôsse loiro e de que os outros tipos fossem o resultado de combinações com raças inferiores é uma torpe insinuação cientificamente falsa». Um outro professor não menos eminente, o senhor Ernest Hooton, da Universidade de Harvard, Estados Unidos, diz: «Raça pura é simplesmente uma abstracção antropológica; em nenhuma nação civilizada existe uma raça pura. Todas as raças existentes são produtos hibridos. A assim chamada raça nordica deve ser o resultado hibrido dos vários povos que habitaram a Europa durante o periodo glacial, ao qual vieram a juntar-se, em tempos históricos, elementos alpinos, mongoloides e ainda outras infiltrações raciais».

O mesmo professor classifica «de vaidade ridicula» a pretensão à pureza e superioridade de raça que a si próprios se atribuem os chamados nordicos.

Um ilustre antepassado

Também no mesmo ano de 1938 no Congresso Antropológico Internacional realizado em Bucarest, Romenia, o professor Eugène Pittard, da Universidade de Génebra, Suissa, se manifestou em identicos termos a respeito da hipótese de «raça ariana». A concepção de arianos puros não tem base científica, disse êle.

Da pretensa divisão dos povos em «raças superiores» e «raças inferiores» não pode resultar senão ódios e malquerença.

A ciência e a história dizem-nos que os cruzamentos, entre os sêres humanos, são favoraveis ao desenvolvimento da inteligência que é a qualidade mais importante do homem.

O homem da época quaternária

O professor Fleure, que já citamos, em um estudo demasiadamente longo para ser aqui transcrito, mesmo em parte, que foi apresentado no também já citado congresso da Associação Britânica para o Progresso das Ciências de 1938, diz-nos num retrospecto da História que as grandes civilizações do remoto passado não foram devidas aos esforços de raças puras, mas sim ao estímulo produzido por cruzamentos de factores humanos. Diz-nos êle que assim foi a respeito de gregos e de romanos e também da maior de todas as civilizações produzidas na China, que surgiu sob a dinastia Chon, mil anos antes da era vulgar.

Modernamente o cruzamento entre várias correntes humanas, está-se realizando aceleradamente e, baseando-se nos exemplos que a história nos fornece, alguma coisa se pode supor do resultado provável desses cruzamentos.

O professor Fleure cita o povo britânico e diz-nos que a força da Inglaterra moderna provem de que os seus habitantes, longe de representarem uma raça pura, são o produto do cruzamento de muitos povos, e o mesmo nos diz da Holanda; o exemplo dos Estados Unidos da América é bem frisante.

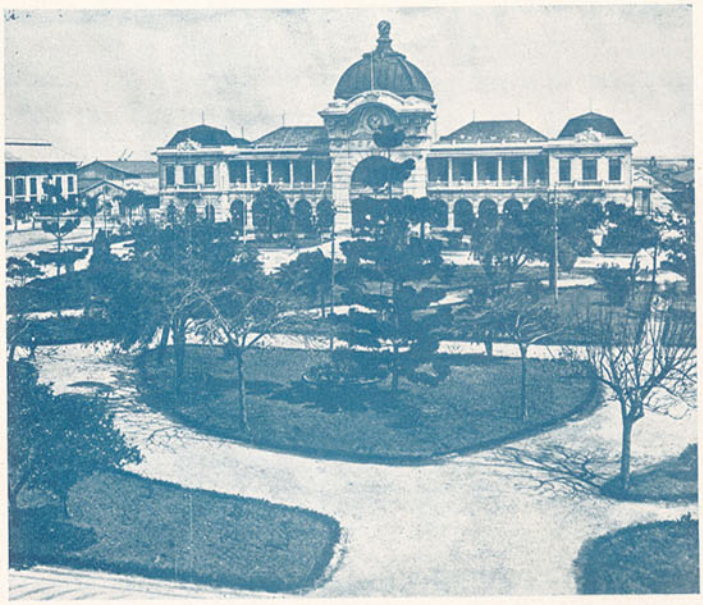
Do que se sabe a respeito das leis da hereditariedade, não é provável que dos cruzamentos contemporaneos venha a resultar um tipo único; pe'o contrário, a humanidade ha de oferecer um verdadeiro escol de tipos diferentes. A ciência entende que êste resultado representa um progresso no homem e não um retrocesso.

Se, por hipótese, se podesse admitir que uma raça humana se tivesse conservado isolada e pura através daqueles milhares de séculos, que ao mundo se atribuem, seria necessário, ainda por hipótese, admitir que essa raça teria degenerado e que hoje seria constituida por indivíduos intelectualmente atrofiados, vivendo num estado de idiotia imbecil. O cruzamento foi o fertilizador que impediu o grupo de caír na idiotia como acontece em certas raças que vivem isoladas no centro d'Africa.

Pureza de raça não poderia nunca, portanto, significar superioridade.

ADOLFO BENARÚS

ALGUNS ASPECTOS DE LOURENÇO MARQUES



Praça Mac-Mahon e edifício da Estação dos Caminhos de Ferro

Teatro Gil Vicente, um dos principais de Lourenço Marques

Um aspecto da bela Avenida 5 de Outubro

Polana Hotel, o maior e mais sumptuoso da Africa Oriental

Rua Consigliéri Pedroso, uma das mais movimentadas da cidade

Entrada principal do magnífico Jardim Municipal «Vasco da Gama»

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na igreja matriz de Santo Tirso, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Claudina de Abreu Sampaio de Lima Carneiro Pacheco e do sr. dr. Mário Carneiro Pacheco.

Foi celebrante o reverendo José Carneiro, que proferiu aos noivos uma brilhante alocução, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Amélia Carneiro Pacheco e o sr. Augusto Carneiro Pacheco, e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Andrade Pires de Lima e o sr. dr. António Augusto Pires de Lima.

Depois da cerimónia realizou-se um almoço em casa dos pais da noiva, que decorreu muito animado.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas, seguindo estes para uma quinta dos pais da noiva em Vila Nova de Famalicão, onde vão passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Arminda de Sousa Gaio e pelo sr. Armando da Cruz Gaio, foi pedida em casamento para seu filho Armando, a sr.ª D. Antónia de Almeida Araújo Pereira Palha Blanco, gentil filha da sr.ª D. Fernanda de Almeida Araújo Palha Blanco e do sr. D. António Pereira Palha Blanco, já falecido.

O casamento deve realizar-se brevemente.

— Pelo sr. Manuel Teixeira da Silva e Castro, foi pedida em casamento a sr.ª D. Izaura de Queiroz, gentil filha da sr.ª D. Maria de Queiroz, para seu filho Albino, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Botelho Domingos, gentil filha da sr.ª D. Francisca Botelho Domingos e do sr. António de Assunção Domingos, com o sr. Amândio Baptista da Mota Veiga, filho da sr.ª D. Sofia Leal Baptista da Mota Veiga e do sr. Amândio Eduardo da Mota Veiga.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios sr.ª D. Encarnação da Assunção Domingos e o sr. Raúl de Assunção Domingos, e por parte do noivo, seus primos, sr.ª D. Maria da Conceição Birne Baptista de Sousa e o sr. dr. José Baptista de Sousa.

Sua Santidade dignou enviar-lhes a sua Benção.

Depois do lanche em casa dos pais da noiva, os noivos seguiram para o Norte em viagem de núpcias.

Aos noivos foram oferecidas vivas e lindas prendas.

— Na paroquial igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Ferrete Guerreiro Afonso, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria do Carmo Palermo Ferrete Afonso e do sr. Francisco Guerreiro Afonso, com o sr. José Palma Mira, filho da sr.ª D. Maria Izabel Palma Mira e do sr. José Francisco Mira, já falecido.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais e do noivo, sua mãi e seu irmão, sr. dr. Jaime Palma Mira.

Foi celebrante o rev. Prior da freguesia Padre Esteves (coadjutor), que fez aos noivos uma interessante alucução.

— Na paroquial igreja de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Peile da Costa Maia, gentil filha da sr.ª D. Augusta Gustava Peile da Costa Maia e do sr. oficial de cavalaria Delfim Maia, com o sr. engenheiro Eduardo Luís de Campos Andrade, filho da sr.ª D. Alda de Azevedo Gomes de Campos de Andrade e do sr. dr. Ernesto de Campos Andrade.

Serviram de padrinhos dos noivos seus pais, tendo servido de caudatários os meninos Maria Tereza, Maria Margarida, Luís e Manuel de Campos Andrade Oom.

Aos noivos foi lançada a Benção Papal, tendo sido a cerimónia presidida pelo rev. prior daquela freguesia, monsenhor Porfírio Cordeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução aos noivos.

Durante a missa o sr. D. João Luís Seabra da Câmara, cunhado da noiva, fez-se ouvir em alguns cânticos religiosos acompanhado a órgão.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, seguindo depois os noivos para Sintra, onde vão passar a lua de mel, partindo no próximo mês para o Lobito, onde vão fixar residência.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

Durante a cerimónia religiosa o maestro Vasco de Macedo executou no órgão alguns números de música sacra.

Finda a cerimónia foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, seguindo depois os noivos para a sua casa em Beja, onde vão fixar residencia.

Aos noivos foram oferecidas valiosas e lindas prendas.

— Na paroquial igreja de S. Vicente de Fora, realizou-se o casamento da sr. D. Maria Tereza Vitória Malheiro de Vilhena Vieira de Araújo, gentilíssima filha da sr.ª D. Clara Malheiro de Vilhena Vieira de Araújo, e do sr. dr. Augusto Vieira de Araújo, com o sr. Joaquim Teles Guedes de Vilhena Freire de Andrade, filho da sr.ª D. Adelaide Teles Guedes de Vilhena Freire de Andrade, já falecido.

A cerimónia presidiu S. Ex.ª o rev. Arcebispo de Miitilene, recebendo os noivos a Benção Papal. No fim da missa, que foi rezada pelo rev. Frei André de Araújo, acolitado por mons. Francisco Esteves e pelo rev. padre Miranda, o ilustre prelado proferiu uma tocante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um fino lanche em casa da sr.ª Viscondessa de Maiorca, seguindo depois os noivos para o Bussaco, a passar a lua de mel.

Aos noivos foram oferecidas ricas e lindas prendas.

— Na capela da Quinta de Santa Ana da Guerreira, Casa Vale, realizou-se o casamento da sr.ª D. Mariana Rita do Vale de Sousa Menezes Mexia, gentil filha da sr.ª D. Maria Saraiva do Vale de Sousa e Menezes Mexia, e do sr. dr. João do Vale de Sousa e Menezes Mexia, já falecido. dom o sr. engenheiro D. Duarte Manuel de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, filho mais novo dos srs. Condes de Nova Goa, tendo sido celebrante o rev. D. João Filipe de Castro.

Serviram de padrinhos os pais dos noivos.

Aos noivos foram oferecidas lindos e valiosos presentes.

— Em Braga, na paroquial igreja do Convento de Montariol, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Manuela de Magalhães Bastos San-Romão, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Helena Mamede de Magalhães Bastos San-Romão e do sr. Diogo San-Romão, com o sr. Francisco Maria Pais de Sequeira de Campos e Castro (Carcavelos), filho dos srs. Condes de Carcavelos.

Presidiu à cerimónia religiosa Sua Ex.ª Rev. o sr. D. Luís de Almeida, Bispo de Arêna, que dirigiu aos noivos uma tocante alocução, tendo celebrado missa acolitado pelo Rev. Capelão da Casa de Carcavelos e com a presença do sr. dr. João Novaes e Sousa, Deão da Sé Primaz.

Durante o acto fizeram-se ouvir em coros, acompanhados a órgãos, os revs. Frades de Montariol.

As lavandas serviram os srs. Condes de Carcavelos, Barão de S. Lázaro, Conselheiro Eduardo de Campos e Castro de Azevedo Soares (Carcavelos), Diogo San-Romão, e dr. Miguel Braga.

Como caudatário da noiva serviu o menino Carlos de Castro Brandão de Miranda e conduziu as alianças a prima da noiva, a menina Maria Antónia Sampaio da Cunha Pimentel da Costa Vasconcelos.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua tia, sr.ª D. Berta San-Romão Pinheiro Tôrres e seu pai, sr. Diogo San-Romão, e por parte do noivo, sua avó, sr.ª Condessa de Carcavelos (D. Julieta), e seu pai, Conde de Carcavelos.

Após a cerimónia religiosa dirigiram-se os ilustres convidados para a residência da tia da noiva, sr.ª D. Berta San-Romão Pinheiro Tôrres, onde lhes foi servido um fino lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas lindas e valiosas prendas, seguiram em digressão pelo Sul do País.

— Na paroquial Santos-o-Novo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Silia Trindade, interessante filha da sr.ª D. Luísa Xavier da Trindade e Costa Rodrigues e do sr. dr. António Augusto da Costa Rodrigues, com o sr. dr. Luís Newton de Bragança Parreira, filho da sr.ª D. Sara Newton Parreira e do sr. major Carlos Newton Parreira.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e a sr.ª D. Rosa Adelaide Morão de Andrade, e por parte do noivo, seus pais

Depois da cerimónia foi servido, aos convidados, um fino lanche em casa dos pais da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas prendas.

— Realizou-se há dias o casamento da sr.ª D. Margarida Maria da Silveira Montenegro, gentil filha da sr.ª D. Maria da Encarnação Morais Sarmento, já falecida, e do sr. coronel médico dr. João Pina de Aragão Montenegro, com o sr. dr João Pina de Aragão, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Pina de Aragão e do sr. dr. João Pina de Aragão, já falecido.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua tia, sr.ª D. Maria da Glória Morais Sarmento, e por parte do noivo, sua irmã, sr.ª D. Maria José Pina de Aragão e o sr. dr. Paulo de Mendonça Falcão e Távora.

O acto religioso foi presidido pelo rev. Caramelo, que fez aos noivos uma brilhante alocução, tendo-lhes lançado a Benção Papal.

Um grupo coral, constituido por senhoras amigas da noiva, fez-se ouvir em alguns cânticas sacros.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na igreja de Nossa Senhora da Fátima realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Huguete Dias da Silva Costa Neves, com o sr. Luís Barreto Pereira de Sá Couto, tendo servido de padrinhos da noiva o sr. engenheiro João Pessoa Lopes e sua esposa a sr.ª D. Maria Regina Pessoa Lopes, e por parte do noivo, o sr. Pedro Correia Marques, chefe da redação do nosso colega «A Voz» e sua esposa sr.ª D. Maria Geada Correia Marques.

Presidiu ao acto o paroco da freguezia rev. dr. Canastreiro, que proferiu aos noivos uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa foi servido em casa dos padrinhos da noiva um excelente lamche.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

Nascimentos

Em Ponta Delgada, Açores, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma gentil criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Lourdes Ribeiro de Melo da Veiga Ventura, esposa do sr. José de Herédia da Veiga Ventura

Mãi e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria de Barros de Vasconcelos, esposa do sr. dr. Guilherme Barros Vasconcelos.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma interessante criança do sexo feminino a sr.ª D. Ilda Gonçalves Camara, esposa do sr. Luís da Camara.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Na paroquial igreja de S. José, sendo celebrante o rev. paroco José Baptista Alves Lírio, celebrou-se o baptizado de uma filhinha da sr.ª D. Vera Rosazza Ferraris de Saldanha, e do engenheiro sr. D. Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior).

Da gentil criança, a quem foi dado o nome de Maria Tereza, foi madrinha Nossa Senhora da Conceição, tocando com a coroa a sr.ª Marqueza de Rio Maior, avó paterna da criança, e de padrinho o avô materno, engenheiro de minas sr. comendador Mário Rosazza Ferraris, representado pelo avô paterno, sr. Marquês de Rio Maior.

Finda a cerimónia houve no palacete dos srs. Marqueses de Rio Maior um elegante chá aos numerosos convidados.

A sportinguista Margarida Salazar Carreira, campeã de Portugal e de Lisboa do salto em comprimento, com 4m,36, o maior alcance da época.

A QUINZENA DESPORTIVA

ACABADA a temporada oficial do atletismo em pista, verifica-se uma vez mais que a modalidade não consegue afirmar o desenvolvimento progressivo completo que seria para desejar em tão importante prática desportiva.

Para quem analise superficialmente os factos, ou tenha interêsses particulares em expandir ambiente de optimismo, é sempre possível encontrar elementos que possam ser apresentados como justificativos de progresso e exaltados de modo a que passem despercebidos os restantes sintomas dum estado geral inverso.

Assim, na época corrente, revelaram-se alguns atletas de real valor e confirmaram a sua classe pela melhoria de resultados outros já consagrados na opinião pública; mas bastarão êstes dois casos para que se possa escrever com absoluta propriedade que o atletismo progride em Portugal?

Julgamos que não, porque em contrário pesa no critério de julgamento a deminuição crescente do número de inscritos nos torneios e a pobreza de especialistas que permite ao mesmo homem ganhar as provas mais antagónicas com marcas duma modestia significativa.

Recordamo-nos com saudade dos tempos há quinze anos atrás em que era necessário, para conquistar o lugar nas finais de 100, 200 ou 400 metros, correr quatro vezes a distância, porque o número de concorrentes ultrapassava por vezes o meio cento; agora, os clubes inscrevem uma escassa dezena de homens, dos quais comparecem com frequência apenas os quatro ou cinco, que cabem numa final imediata. Não será razoável considerar esta evolução retrógrada como característica de perda de popularidade da prática do atletismo?

O que importa verdadeiramente, para que se possa atestar que a prática do atletismo em Portugal segue evolução progressiva, é o testemunho da sua expansão em superfície a par e passo com o avanço em profundidade; uma andorinha não faz a primavera, diz um ditado francês, e assim também meia duzia de atletas capazes de ultrapassarem os «records» não bastam para garantir a vitalidade do atletismo nacional se em tôrno dêles não encontrarmos uma falange numerosamente crescente de praticantes que lhes realcem o valor.

Vamos, a propósito do assunto destas considerações, dar a palavra à eloquência dos números.

Nos campeonatos de Lisboa de seniores tomaram êste ano parte 82 concorrentes, enquanto nos do ano passado tinham figurado 94 homens. Caminhando para trás no sentido do tempo, encontramos 98 participantes em 1937, 84 em 1932, 90 em 1929. Onde está, então, o desenvolvimento da prática do atletismo regional?

Este estado de coisas, que apontamos para Lisboa, verifica-se igualmente nas restantes regiões do País onde a modalidade é praticada: Setúbal e Leiria desapareceram das competições e Coimbra resume a sua actividade a raros concursos locais; Braga, onde existiu há anos um nucleo valoroso de atletas, voltou ao esquecimento, e no Pôrto a decadência é ainda muito mais apreciável do que na capital.

Quem, e como, conseguirá empreender a reacção salvadora?

Os campeonatos lisboetas demonstraram a flagrante superioridade de momento da equipa do Sport Lisboa e Benfica, que se instalou no posto de vanguarda que durante tantas épocas foi pertença do Sporting Clube de Portugal e, em tempos mais antigos, do Clube Internacional de Futebol.

Os benfiquistas, triunfando em 10 das 22 provas disputadas, realizaram proeza que até à data só os seus rivais «leoninos» tinham conseguido: dez títulos em 1927, onze em 1937, doze em 1930, 1932 e 1936, treze em 1929 e quinze em 1931.

Desta brilhante série de êxitos merece ser posta em realce pelo seu excecional valor, a de 1929, pois nêsse ano os campeonatos comportavam ainda apenas 19 provas, o que significa que o Sporting apenas perdeu seis primeiros lugares. Não será fácil repetir a façanha.

No conjunto das classificações, atribuindo aos três melhores de cada prova os 5, 3, 1 pontos que se afiguram mais consentâneos com a verdade comparativa, o Benfica somou o total significativo de 61 pontos, contra 45 do Belenenses, 37 do Sporting e 16 do Internacional, número que fica porém ainda muito longe dos 109 pontos que os «leões» atingiram em 1931, deixando 41 para o Internacional, 22 para o Benfica e 7 para o Belenenses.

Os homens mais em evidência no conjunto dos concorrentes, foram: Martins Vieira, Barreiros Gomes, Alves Pereira e Oliveira Bastos, com uma citação ainda para Matos Henriques pela inteligência demonstrada na condução das duas provas que ganhou.

O almadense Francisco Bastos, novo detentor do record dos 1.500 metros é segura esperança para o atletismo português.

A organização, escolhendo para local dos campeonatos um campo de reduzidas dimensões, prejudicou grandemente os resultados técnicos; os dirigentes olharam à receita mas esqueceram os direitos legítimos do desporto.

★

A receita amealhada uma semana mais tarde pela Federação, organizadora dos Campeonatos Nacionais no vasto terreno do Estádio, veio provar que, nem sequer sob êsse ponto de vista os dirigentes regionais tinham tido feliz inspiração.

O público acorreu numerosíssimo no domingo e, apezar das regalias conferidas aos sócios do clube proprietário do campo e que servem de pretexto à escolha de outros locais, o rendimento da bilheteira foi superior a cinco mil escudos, verba que atingiu mais que o dôbro da maior receita dos torneios regionais.

Considerados pelo seu aspecto desportivo, os Nacionais de 1939 satisfizeram, enfermando embora do mesmo mal que apontámos nas considerações precedentes, referente à escassez de participantes; provas houve que perderam para o público todo o interesse porque a competição era nula e o resultado previsto antecipadamente.

Lucília Silva, a corredora belenense cujos resultados podem considerar-se de valor internacional.

No capítulo dos concursos só o lançamento do dardo e o salto em altura prenderam a atenção dos assistentes, e dentre as corridas, mais emotivas pela sua própria característica, entusiasmaram em especial as finais de 100, 200 e 400 metros, e a légua cujo animador foi o conimbricense Diamantino França.

Os resultados técnicos foram dos melhores da época e não correspondem para algumas provas ao máximo das possibilidades dos respectivos vencedores, porque não tiveram adversário que os obrigasse a empregarem-se a fundo.

O novo lançador de dardo Tomaz de Macedo, revelação da época com um resultado além dos 50 metros.

O duelo Alves Pereira—Mira Barroso, colocado em posição do principal atrativo dos campeonatos em consequência dos facciosos disparates de pessoa que, por infelicidade dos atletas e do atletismo, pontifica na imprensa desportiva, teve o resultado lógico, a confirmar a anterior e discutida vitória do «sprinter» sportinguista.

Alves Pereira é, de momento, o mais rápido dos corredores portugueses e a sua superioridade deve ser ainda mais marcada nos 200 metros, que não correu porque possui temperamento no qual os nervos comandam o raciocínio, do que nos cem, onde o rival «casapiano» possui classe incontestável, cujo máximo rendimento dentro dum ou dois anos se provará.

Outro atleta extraordinário, que reapareceu neste torneio, foi o saltador Espírito Santo, que prossegue dominando os competidores apenas com os seus recursos naturais, escasseando de treino e sem o mínimo aperfeiçoamento de estilo. Se alguém conseguisse desviar êste homem da prática do futebol e reservá-lo exclusivamente para a preparação atlética, que campeão de excepcionais recursos seria para o desporto português!

Maria Ester Moura Cabral melhorou para 1m,36 o máximo nacional do salto em altura, marca de valor interessante e que por certo melhorará em breve.

Dos restantes destacaremos ainda: Barreiros Gomes, atleta possante que pulverizará o record nacional dos 400 metros a primeira vez que quiser «sofrer» durante a corrida; Martins Vieira cujos recursos se perdem num excessivo eclétismo, Francisco Bastos e Tomaz de Macedo, as mais esperançosas individualidades da novíssima geração.

Algumas palavras finais para as graciosas atletas que amenizam com a frescura da sua mocidade e a alegria saudável do seu entusiasmo as mornas tardes do atletismo; não conseguem proezas de grande classe, — e ainda bem que as não conseguem, — mas se guardarmos as devidas proporções equiparam-se em mérito relativo à maioria dos seus camaradas do sexo forte. A diferença que separa o 1,m36 da recordista Moura Cabral do 1,m65 que é máximo mundial feminino, é identica a que vai do 1,m78 dos campeões portugueses para os 2,m07 dos negros Johnson e Albritton; os 8 segundos nos 60 metros conseguidos por Lucília Silva, não ficam abaixo dos 11 segundos dos «cem-metristas» Alves Pereira e Mira Barroso, e o mesmo raciocínio se pode aplicar para o salto em comprimento de Margarida Salazar Carreira ou o lançamento do disco de Ester Ramos.

Eram necessárias estas afirmações para compensar a campanha derrotista daqueles que não sabem vêr, ou vêm com oculos corados.

SALAZAR CARREIRA

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 35

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 10)

QUADRO DE HONRA

Alvarinto, Castela, Dado, Édipo, Fosquinhas, Hanibal, Jorubasil, Lérias, M.me Lérias, Marcolim, Míss Sporting, Nuninho, Ricardo, Siulno, Já Mexe e Soba da Tôrre

QUADRO DE MÉRITO

Sevla, F. J. Courelas, Ti-Beado e Dr. Sicsscar — 8. Mirna, Agasio, Sol de Inverno, Ramou Lácrimas, Dama Negra, Calaveras e Tarata — 7. Anjo das Serras, Visconde X, Diriso, J. Tavares, Fra-Diávolo e Neptuno — 6. Cigano, Aureolinda, Aristofanes, D. O. X. — 5 e Um Misterioso — 8

DECIFRAÇÕES

1 — Trespasso. 2 — Egros. 3 — Porfio. 4 — Cahunho-canho. 5 — Matula-mala. 6 — Balofo-bafo. 7 — Salafrário-salário. 8 — Modela-mola. 9 — Fabular-falar. 10 — De Leiria que de antes foi tomada.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

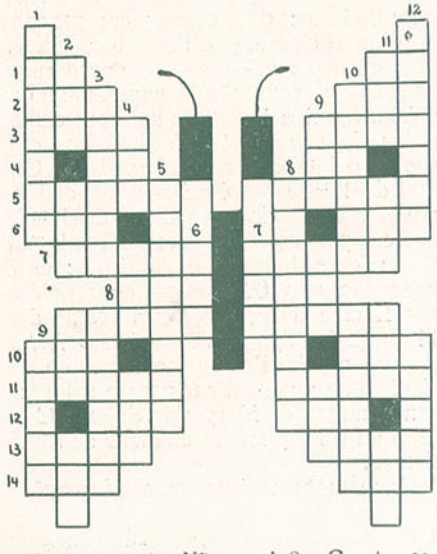
Castela, Dado, Francisco J. Courelas, Marcolim, Nuninho, Sevla, Siulno e Um Misterioso

DECIFRAÇÕES

Horisontais: 1 — Descobrimentos. 10 — Arrelia. 11 — Madraço. 12 — Aula. 13 — Piano. 14 — Lema. 17 — Herdade. 18 — Reparei. 19 — Impedir. 22 — Agregai. 24 — Inda. 25 — Amado. 26 — Atas. 29 — Mantear. 30 — Manejam. 31 — Representório.

Verticais: 2 — Enrolar. 3 — Cala. 4 — Beatice. 5 — Irmamar. 6 — Eido. 7 — Tratear. 8 — Cavalheirismo. 9 — Notabilíssimo. 15 — Farda. 16 — Aparo. 20 — Pedante. 21 — Rumores. 22 — Abdomen. 23 — Gotejai. 27 — Cear. 28 — Anjo.

PALAVRAS CRUZADAS



Horisontais: 1 — Não; aqui. 2 — Consta; estrêla que dá vida ao nosso planeta. 3 — Existe; simples (fem.). 4 — Certo (pronome indefinido); figura. 5 — Ourelas; crepúsculo matutino. 6 — Agora; flanco. 7 — Circo; inflamada. 8 — Ordinário; moda. 9 — Carvão incandescente; instrumento de lavoira. 10 — Autoridade; brado (subst.). 11 — Obrigar; subjugar. 12 — Pai do nosso pai; mãi da nossa mãi. 13 — Circunferência; rezei. 14 — Pronome pessoal (fem.); partes iguais.

Verticais: 1 — Qualquer borboleta, grilo, abelha, etc.; independente. 2 — Preposição e artigo definido (contracção); furor; felicidade; interjeição. 3 — Suportar; bordoada. 4 — Aprecia; revista port.; ovário dos peixes. 5 — Desastre. 6 — Eleva. 7 — Une. 8 — Surta. 9 — Desgraça; «mulher»; corpo gerado nos ovários. 10 — Criadas; de longa. 11 — Bandeira; interjeição; vã; interjeição. 12 — Vocábulo; festim.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 44

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) O Germano Casaleiro,
De todos bem conhecido,
É muito bom cavalheiro
Mas um tanto *destemido*. — 6-2-4 3-7

E por ter êsse defeito
— Tôda a gente assim o diz —
É que está sempre sujeito
A ser *pessoa infeliz*. — 3-8-5-6 2

Mas isso, se não me engano,
É uma coisa natural;
Que importa, pois, que o Germano
Tenha êsse dom, *afinal?* — 2-1-4-5-7

Não tem nada que deslustre
O seu nome muito honroso,
P'lo contrário, é muito ilustre
O seu porte *gracioso*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ADITIVAS (Antigas)

(Com vista aos inimigos de ruídos... no lar, e sobrescrito para o charadista, pai do infracitado miudinho)

2) O «Ordisito» é um morgado
Traquinas e brincalhão,
Filho dum pai descuidado
Que se tem obstinado
Em lhe não dar... um irmão.

A poupansa — ou desmazelo?
Tem contras, p'rigos a rôdo:
Se doi ao filho um cabelo,
No receio de perde-lo,
Doi aos pais o corpo todo.

Mimosos frutos do *amor* — 1
Os filhos, quem tem só um,
É família *exposta* à dôr — 5
De o perder. Qual é... pior
O ter um só... ou nenhum?
.....

Não tendo em casa irmãozinhos
— Bébés precisam brincar —
Vai em busca dos vizinhos,
Que ás vezes são uns brutinhos
E que o podem aleijar.

Joãozinho entra num «grupêlho»
De «bolistas». E à compita
Em ligeireza, um mais velho
Empurra-o... Fére um joelho,
Ou desloca uma pernita...

E chega a casa a chorar...
Cuidados... Muita arrelia...
— «Vamos dar-te um irmãozinho,
«E terás com quem brincar,
(Prometeu-lhe a mãi um dia)
«Sereis dois a chilrear
«Dois biquinhos a cantar...
«Teremos mais alegria.
«Concordas, sim, meu amor?
— Diz ao esposo, com bondade —
«Vamos dar-lhe um «fiador»...
«Ou mais, se possível fôr? —
Oh! *Santa* maternidade!

Lisboa *Sileno*

TRABALHOS EM PROSA

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

3) Por um objecto *querido* todo o *dinheiro* que nos devem é sempre pouco *dinheiro*. (2-2) 3.

Luanda *Enigmático*

4) Não há *namoro* que possa *agradar*, quando passa a vida a *dar gargalhada*. (2-2) 3.

Algés *Marcolim*

5) A *despesa* da tua cara metade é na *realidade*, superior às fôrças da tua carteira, *em alto grau*. (2-2) 3.

Luanda *Mr. Le Bossat*

ADITIVAS (Novíssimas)

6) *Senhor não* será possível dormir-se aqui uma *soneca?* 1-1.

Luanda *Tony*

7) Todo o indivíduo *sombrio* é uma *alma* que chora *melancòlicamente!*... 2-2.

Lisboa *Adeusinho*

8) **Tudo** *por* nosso Portugal! *Tudo!*... 2-1.

Biscaia *Olegna*

SINCOPADAS

9) Deixa fazer-te uma *meiguice* no *rosto*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar*

11) O *homem rico*, em geral, é *pessoa tola*. 3-2.

Luanda *Ti Beado*

(Ao Siulmo)

10) Para que o livro não seja *estragado*, *endireite* essa bilha. 3-2.

Lisboa *Zé*

11) Por causa desta *borbulhagem* todos se *escapam* de mim. 3-2,

Luanda *Fernando Costa*

(Ao confrade Magnate)

12) *Tristes* dias estão reservados aos *vindouros!* 3-2.

Lisboa *Alguém*

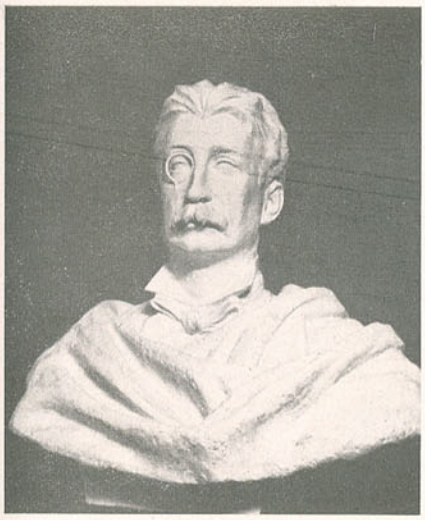
Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

13) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

FIGURAS E FACTOS



O busto de João Penha que brevemente vai ser inaugurado em Braga. Trata se de uma primorosa escultura do distinto artista sr. António de Azevedo. Um dos últimos trabalhos, o busto do sr. Presidente da Republica, foi adquirido pela Câmara Municipal de Lourenço Marques

A distinta poetisa D. Cecília Meireles acaba de publicar um livro de versos a que deu o nome — *Viagem* — ao qual, pela perfeição da forma e pela fina inspiracão que revela, coube o 1.º Prémio de Poesia da Academia Brasileira de Letras em 1938

Em *Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno do dr. Bernay,* o sr. dr. Mário Damas Mora expõe-nos a teoria do método e revela-nos alguns casos de cura, defendendo a aplicação dêste tratamento com a competência que lhe é peculiar

A Missão Católica Universitária Francesa visitou o sr. ministro da Educação Nacional, que se vê na gravura da esquerda conversando com monsenhor Bottineli, chefe da missão. *A' direita:* A sr.ª D. Maria da Soledade Alves (×), enfermeira do Hospital de Curry Cabral, que foi homenageada por motivo da sua aposentação

Um aspecto da reünião dos directores dos pavilhões históricos da Exposição do Mundo Português, onde foram apreciados os trabalhos, em curso, de decoração artística. Esta reünião foi presidida pelo sr. dr. Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição, que se vê ao centro

PÁGINAS FEMININAS

É lamentável dizê-lo, mas a elegância tende a desaparecer do mundo. E' lamentável, porque a elegância não é apenas a futilidade da aparência, mas é uma manifestação do belo, que é absolutamente necessário à vida humana. O belo interior, e o belo exterior.

Para que a vida seja perfeita e agradável é preciso a beleza da alma que se eleva no espiritualismo, a perfeição do intelecto numa cultura sempre intensa de tudo o que orna o espírito, e a beleza física ou pelo menos a correcção no aspecto e no vestir. A graça feminina vai desaparecendo e a mulher tem perdido muito do seu encanto, e, aqui em Paris, centro da elegância mundial mais ao que em qualquer outra cidade, isso se torna notável.

Quem conheceu Paris noutras épocas, sabe bem a elegante correcção de «toilette» da mulher de tôdas as classes na cidade, que era a capital do "chic„.

Lembro me de há uns doze anos ter sido cumprimentada na Avenida da Ópera por uma senhora elegantíssima, que era a criada que me servia no restaurante onde habitualmente comia!

Havia mulheres mal vestidas; naturalmente que em tôdas as partes do mundo as há, mas a generalidade era "chic„.

Hoje apesar dos esforços das creadoras da moda, que lançaram êste ano, a moda senhoril, e da bôa vontade de algumas senhoras, que a adoptaram e a seguem e são um "oasis„ para os olhos, na multidão da vulgaridade, não há verdadeira elegância na mulher, mesmo na parisiense.

O uso de andar em cabelo, duma grande comodidade, sem duvida, tira à mulher o aspecto senhoril; por mais bem penteada que esteja, basta um pouco de vento a agitar os cabelos, para que o seu aspecto se torne desmazelado, e, em cabelo numa rua, a mais distinta das senhoras toma o ar da costureira, que foi entregar o seu trabalho ao domicilio da freguesa.

Mas se não é distinta nem interessante a moda de andar em cabelo, ou de lenço, o que também muito se vê, e, quanto mais pintada e mais bem vestida está a senhora que usa o lenço na cabeça, mais repelente se torna o seu aspecto, ainda há um outro uso mais feio e mais infeliz, digamos assim, para a elegante correcção da mulher e é êsse feio uso o de andar sem meias.

Dá-lhes um ar de revoltante intimidade com tôda a gente, essa absurda moda de andar sem meias. Eu bem sei que as meias são caras, que não têm duração, que sobrecarregam o orçamento da "toilette„, mas minhas senhoras usem meias de algodão, que são mais baratas e mais sólidas, mas cubram as pernas.

Eu não o digo já por pudor, mas pela estética, tenham caridade dos olhos do próximo e tapem as pernas.

Pondo de parte a decência, que uma mulher deve a si-própria e olhando êste costume actual apenas debaixo do lado estético, é horrível o que se vê.

Como a maioria das senhoras não tem actualmente a noção da idade e daquilo que devem a si mesmas, sucede que põem à vista de todos coisas feíssimas.

Se numa praia e nas raparigas novas que mantém a beleza física perfeita, se admite êsse uso, nos lugares mais sagrados, ou nas ruas duma cidade expor a todos, desgraçadas pernas, que as maternidades ou os anos marcaram de impressionantes varizes, só pode ser considerado como uma falta de gosto estético, e de caridade para com o próximo obrigando-o a uma dolorosa piedade, que por dignidade própria, não deveriam querer inspirar de maneira nenhuma.

Será cómodo andar sem meias nas ruas duma cidade — eu não acho nem cómodo nem aceado acumular na pele a poeira das ruas, que uma multidão levanta — mas para o fazer, que seja ao menos com a consciencia de nos mostrar umas pernas dignas, de rivalizar com o mármore da venus cirenaica ou da venus Medicis, mas nunca obrigando-nos a constatar a miséria física a que chegaram.

Sigam a elegante moda, que as costureiras parisienses se esforçam, em vão, por impor e abandonem êsses usos, que tornaram a capital do "chic„ numa cidade de operárias.

Antigamente não se distinguia a "Midinette„ da senhora, era um esfôrço para se elevar; hoje não se distingue a senhora da "Midinette„ é uma tendência a descer. E' a mesma coisa, dir-me ão; é muito diferente, digo-lhes eu; por que tudo quanto seja procurar elevar-se demonstra dignidade, igualar para cima é levantar, igualar para baixo é cair. E tudo quanto denota decadência é triste e marca o fim duma civilisação, que nas mais pequenas coisas se revela.

E a elegância e a distinção da mulher pode parecer uma futilidade, mas creíam que tem uma profunda influencia na sociedade.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Neste momento, Paris repousa, e, prepara a moda do outono, que tudo faz crêr será a continuação da moda da primavera. Começam aqui as férias e para as «gares» há um verdadeiro exodo; as montras cheias de «shorts» e «maillots» fazem-nos pensar quem as usará, porque o tempo chuvoso e frio lembra o mês de Novembro da nossa terra. A não ser que tôdas partam para a Côte de Azur, onde está um soberbo tempo de verão, brilhando o sol ardente dos países meridionais, de que esta gente tanto há-de precisar.

A moda em Paris dá êste ano a impressão duma revista de ano em que apareça, em vários quadros, a indumentária feminina de tôdas as épocas.

A moda de todos os tempos passa diante de nossos olhos, em vestidos, penteados e chapéus, numa multiplicidade de feitios que são um encanto para quem aprecia a variedade, mas às vezes um pouco chocantes para quem tem o culto da harmonia.

De 1850 até à actualidade de tudo se vê: «Tailleurs» de saia travada ao lado de vestidos de roda ampla que evocam o segundo império Penteados à 1900, o cabelo no alto da cabeça, junto de coifas em rede como em 1858. Enfim de tudo e para todos os gostos.

Para «toilettes» de vilegiatura damos os últimos e mais graciosos modêlos. Um vestido de Gaston, elegantíssimo em crepe de seda mate côr de rosa pálido, a saia em pregas à frente, o vestido todo guarnecido com trabalho de ondas no mesmo tecido. Chapéu em palha queimada, guarnecido com crepe côr de rosa, igual ao do vestido.

Um vestido de Malineux em «imprimé» branco e azul sévres A saia guarnecida com fôlhos plissados que se sobrepõem. Cinto em pelica branca e cravos brancos em veludo na gola.

Grande chapéu em palha branca guarnecido com uma laçada em veludo prêto.

Sapatos e carteira prêtos.

Para meninas temos três lindíssimos modêlos de Heim, que marcam bem um dos aspectos da moda dêste ano.

Vestido em «shanting» côr de rosa guarnecido com o mesmo tecido em azul mediterrâneo, a saia muito franzida na cintura é guarnecida com uma barra larga em azul e duas barras estreitinhas, o corpo muito justo abotoa com botões azuis e tem umas pregas do ombro ao peito e duas tirinhas no mesmo azul que forma em volta do pescoço, uma gravata.

O modêlo do meio em crepe «imprimé» tem a saia tôda plissada à máquina e um colete em «shanting» vermelho; uma golinha debruada a vermelho guarnece o corpo, as mangas curtas são muito tufadas.

O outro modêlo é em «toile» às riscas azues e brancas, guarnecido a «surah» «groseille» num contraste de côres, que choca um pouco o sentido da harmonia, mas que se vê muito êste ano em Paris. A saia rodadíssima tem em volta da cintura, pregas cosidas e, em baixo uma barra de «surah» «groseille» que sobe na frente em guarnição; as riscas da saia são ao alto, as do corpo atravessadas; êste forma bolero na frente, todo debruado a «groseille» assim como o cinto, que é dessa mesma côr.

Lucien Lelang, o grande costureiro, dá-nos um lindíssimo modêlo para verão, para praia ou termas; a saia que forma meio corpete e alças em «toile» de seda côr de rosa com bolas brancas, a blusa que se veste por dentro, em finíssima cambraia bordada; tôda branca.

Um alto cinto em polimento prêto e sandálias de pelica branca completam esta juvenil e fresca «toilette».

As sandálias é o mais exótico calçado; serão a moda nas praias. Há fantasias com solas, que nos dão a impressão de que será impossível com elas, manter a estabilidade. E tôdas as côres se usam nos pés.

AMOR MATERNAL

Uma actriz de Estocolmo tinha um único filho que a sorte não favoreceu porque nasceu sem orelhas. Já homem êste jóvem duma natural formosura e perfeito, apaixonou-e por uma menina, que se recusava a casar com êle por causa da falta de orelhas.

Então a mãe ao vêr a sua tristeza, resolveu-se a fazer um sacrifício, e que sacrifícios não fazem as mães pelos filhos? E deu-lhe as suas orelhas. Esta operação que deu o melhor resultado foi feita, por um célebre especialista de cirurgia estética, sueco afamado em todo o Mundo, Allan Reguell, que tem feito as mais extraordinárias operações.

Parece que a jóvem se impressionou com tais próvas de amor e que o romance acabará bem, por um casamento e muitos bébés.

E a mãe continuará a representar sem orelhas, como a lenda dizia que o fazia Cléo de Mérode a linda artista que deu brado no princípio dêste século, e, que se apresentava em cena penteada «à virgem» com bandós negros, que lhe cobriam as orelhas.

Uma noite em Roma no Teatro «Margherita» na rua Due Macelli a bela Cléo, apresentou-se com os bandós levantados de maneira que se viam as orelhas duas obras primas, conchas de ambar em carne e que lhe aumentavam enormemente a beleza do rôsto perfeito.

O público aplaudiu-a freneticamente e ela sorria compreendendo a razão daqueles entusiásticos aplausos.

A actriz de Estocolmo pentear-se-á de maneira a esconder a mutilação a que se prestou com heróico sacrifício.

Depois da operação a uma pergunta que lhe foi feita respondeu sorrindo: Não lhas dei quando nasceu, é muito justo que repare agora êsse êrro.

Eis um filho que deve a sua mãe duplicado amor, porque sacrificou o que numa mulher, e sobretudo numa artista, é um dos melhores dons: a sua beleza.

E trará êle consigo sempre, mesmo depois da morte da sua mãe um pouco da sua carne viva, que lhe lembrará o imenso amor daquela que lhe deu o ser e que, para lhe dar a felicidade não hesitou em se mutilar. O amor das mães dá coragem para tudo e para todos os sacrifícios.

A MODA EM TEMPOS IDOS

Na côrte de França no tempo de Luís XV deu-se um episódio que desafiou a bisbilhotice da côrte. As modas eram apresentadas ao rei e depois de aprovadas todos tinham de se cingir a elas. Assim tinha sido com o uso da «maquillage».

Chegou a França um embaixador estrangeiro e sua espôsa senhora de severos princípios, declarou, que não pintaria o seu rosto por coisa nunhuma dêste mundo.

Os cortesãos foram ter com o marido dizendo-lhe que assim não poderia a senhora ser apresentada na côrte, e, que usasse da sua autoridade de espôso. O marido para a convencer compôs uma ode em que lhe dizia que a rainha Maria Leczinska, de austeros princípios religiosos também se pintava. Mas a embaixatriz não cedeu.

Foi chamada a Paris a mãe da embaixatriz, que com razões convincentes e um boião de carmim, conseguiu que sua filha fôsse apresentada na côrte.

Hoje não seriam precisos tantos trabalhos e as mães o que precisarão é de se impôr para que as suas filhas não se desfigurem com tal excesso de pinturas.

RECEITAS DE COZINHA

Dobrada de fricassé à francesa: Lava-se a dobrada em muitas águas, raspa-se e escalda-se. Em seguida põe se a cozer em água salgada, com cenouras, cabeças de nabos, pimenta, cebolas inteiras e um cravo da India.

Quando está quási cozida tira-se do lume e deixa-se em repouso até ao dia seguinte: Então põe-se de novo ao lume, até ficar completamente cozida.

Numa caçarola à parte, põe se uma cebola picada com bastante manteiga, e, quando a cebola está loira, corta-se a dobrada cozida em bocadinhos e deita-se no refogado, acrescentando-se o môlho com uma porção do caldo da dobrada, convenientemente passado, no qual se tem desfeito um pouco de farinha de trigo. Deixa-se ferver êste guizado por espaço de dez minutos, tira-se do lume e quando está para se servir, juntam-se-lhe duas gemas de ovos, salsa picada e sumo de limão, voltando ainda uma vez ao lume por pouco tempo, apenas para que não fiquem cruas as gemas de ovos. Serve-se em seguida num prato coberto.

Ovos com manteiga queimada: Partem-se os ovos em vinte gramas de manteiga aquecida na frigideira e quási prêta, temperam-se, fritam-se, deitam-se na travessa; regam-se com um fio de vinagre aquecido na frigideira.

DE MULHER PARA MULHER

Rose Mary: Compreendo bem a ferida de amor próprio que sofreu, mas permita-me que lhe diga que êle tem razão. A beleza principalmente, a artificial, é muito passageira e em geral acaba por destruir a verdadeira, e um homem não pode viver ao lado duma boneca, que só pensa em modificar as sobrancelhas e envernizar as unhas. Em vez de se desolar, trate de se instruir, de adaptar a sua maneira de ser à dêle e da família a que deseja pertencer, que pelo que me diz possui sólidas qualidades morais. Imite-as.

Graça: Faz muito bem em tomar essa orientação que só demonstra a firmeza do seu carácter. Quem tem a sua maneira de pensar não precisa de conselhos de ninguem. Considero a sua carta não uma consulta mas sim, um desabafo, a que apenas digo: Bravo! O que seria ótimo é que houvesse muitas mulheres com a sua sensatez e energia e que soubessem vêr tão bem qual é o caminho direito que se deve seguir na vida.

Alda: — Está enganada. São muito melhores os ares nos sítios chamados saloios, aqui em volta de Lisboa, do que os do Ribatejo. Seu marido tem muita razão, visto que tem de vir tanta vez a Lisboa. Convença-se de que quem casa, tem de o fazer num grande espírito de sacrifício e embora lhe custe não estar junto dos seus, deve fazer a vontade a seu marido. São os ossos do ofício.

Garota: — Tem muito por onde escolher êste ano. Nunca houve uma tão grande variedade de tecidos leves como agora e uma rapariga vestida de branco, fica sempre encantadora e presta-se a variar muito com cintas e «écharpes» de côres variadas. No campo e praia estão indicados os grandes chapeus de palha.

PIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — R. V. 9, 2
Ouros — 4, 3, 2
Paus — — — —

Espadas — — — —	N	Espadas — — — —
Copas — A, 7, 4, 3	O E	Copas — 6, 5
Ouros — A. R. D.		Ouros — V. 10
Paus — — — —	S	Paus — A. R. D.

Espadas — 4, 3, 2
Copas — D. 10, 8
Ouros — — — —
Paus — 2

Trunfo espadas. **N** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A *c*, **N** — 2 *o*.
S » 2 *c*, **N** — A *e*, **E** não pode ba'dar-se a ouros, joga 10 *p* (a).
N joga 2 *p*, **S** — A *p*.
S » 3 *p*, **N** — R *e*.
N » 2 *e*, **S** — D *e* e faz R *c* e 4 *p*.

(a) Se **E** se baldasse a V *e*, **N** e **S** aproveitavam os trunfos cortando e faziam as vasas tôdas.

Quantos carneiros?

(Solução)

Tinha 10 carneiros.

O esperanto

Esta língua universal, cuja concepção se deve a um ideal humanitário, é obra do dr. Zamenhof, que a criou em 1887. De então para cá, têm-se realizado congressos esperantistas na maior parte das grandes capitais da Europa ou de além-mar, e, em 1937, celebrou-se o cinqüentenário do esperanto, cujos adeptos são já numerosos.

Na América do Norte publicou-se há tempos uma estatística pela qual se v rifica que entre as mulheres que reclamam o divórcio, as de cabelos castanhos são as mais numerosas, pois representam 65% do total das candidatas à rutura dos laços matrimonais. Vêm, depois as louras a quem o autor da estatística atribui mais doçura e espírito conciliador. Enquanto às ruivas, é raro que pretendam divorciar-se de seus respectivos maridos, parecendo, portanto serem estas que estão naturalmente indicadas como melhores esposas.

A ida do pai e do filho

(Problema)

O professor Anacleto encontra, após longa separação, o seu colega Anastácio. Abraços, troca de recordações já longíquas, etc.

— E como vai seu filho, meu caro Anacleto?

— Está um homemzarrão!

— Que idade tem êle?

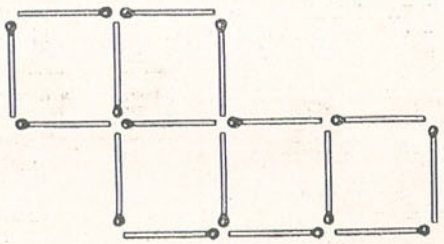
— Olhe, é simples: se se inverterem os dois algarismos da sua idade, obter-se á a minha. Eu tinha 36 anos quando êle nasceu.

— Como o tempo passa! — exclamou, suspirando, o professor Anastácio.

Preguntamos nós agora: Que idade têm o Anastácio e o filho?

De cinco para quatro

(Problema)



Ao contrário do último problema de fósforos aqui publicado, nêste trata-se de formar, também com os mesmos 16 fósforos, 4 quadrados em vez dos cinco que aqui estão, bastando para isso alterar a posição de dois fósforos apenas.

O primeiro relógio de algibeira

Quem o terá inventado?

Os alemães reivindicam essa invenção que, segundo eles dizem, teria sido obra dum jovem serralheiro bávaro, Peter Hemlem, em 1548.

Parece não ter sido assim.

O criador do primeiro relógio de algibeira é um francês, de nome Julien Condray, relojoeiro de Luís XII e depois, de Francisco I.

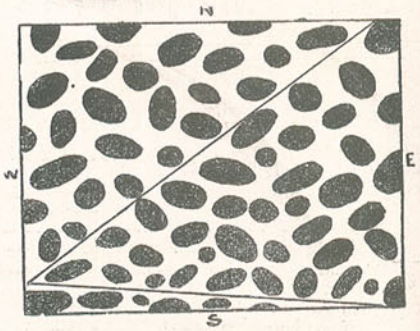
Julien Condray, natural de Blois, ofereceu em 1528, ao rei de França, Francisco I, duas adagas cujos punhos tinham como ornamento dois relógios dourados. Francisco I, entusiasmado, recompensou-o generosamente e autorizou-o a colocar no seu estabelecimento de Blois «*Fornecedor de Sua Majestade*».

Julien Condray gozava de grande fama.

Recebia encomendas de todos os países do mundo. Deixou uma fortuna considerável aos seus herdeiros.

O rumo do paquete

(Solução)



As linhas indicadas na figura junta, mostram claramente os dois rumos traçados e que permitem, com a maior facilidade, uma navegação rápida e sem perigo, ao longo do célebre arquipélago.

Há um único país, na Europa, que desde a sua fundação, nunca sustentou uma guerra. É a Noruega. A pátria de Ibsen e de Sonja Henie não conheceu nunca os horrores da guerra, e a razão é muito simples. A Noruega só se tornou independente desde 1906, tendo antes dessa data, formado parte da Suécia.

A «Pacific Highway» que vai desde Vancouver à fronteira do México, bordeando o litoral norte-americano do Pacífico, é a mais longa estrada para automóveis do mundo inteiro, pois mede 2.400 quilómetros.

Os chineses usam sempre nos casacos cinco tostões, para não esquecerem as cinco virtudes essenciais recomendadas por Confúcio: Bondade, Justiça, Ordem, Prudência e Rectidão.

Pensamentos

Custa menos a acerar um epígrama, do que a ouvir a verdade e a buscá-la.

Rebelo da Silva.

O céu sempre iluminado anuncia e celebra a glória imortal do Ser Supremo que o criou.

Ela: — *Pode acompanhar-me ao Casino esta noite, se quizer... a não ser* (com modéstia)... *que se lhe depare, entretanto, companhia mais interessante do que a minha.*

Êle (com absoluta falta de perspicácia): — *Óptimo! Você é uma rapariga às direitas! Fica, então, combinado assim nessas condições, não é verdade?*

(De «Pearson's Magazine»).

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

■

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. brochado . . . Esc. 4$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

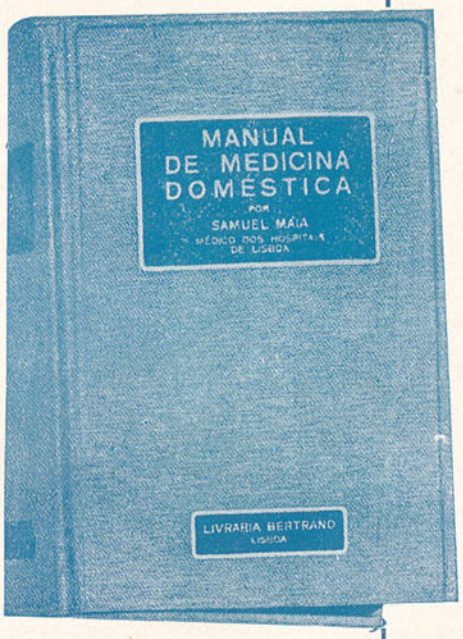
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **sciedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19

com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 4.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA